

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GIULIANA TIRAPPELLI ALEXANDRE

**CORPOS PERFORMÁTICOS E TRANSGRESSORES: um olhar acerca da  
matabilidade transgênera no Brasil sob os vieses da necropolítica e da  
precariedade da vida**

CURITIBA

2018

GIULIANA TIRAPELLI ALEXANDRE

**CORPOS PERFORMÁTICOS E TRANSGRESSORES: um olhar acerca da  
matabilidade transgênera no Brasil sob os vieses da necropolítica e da  
precariedade da vida**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Direito com habilitação em Direito do Estado da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná como requisito para colação de grau e obtenção do título de bacharela.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscilla Placha Sá.

CURITIBA  
2018

## AGRADECIMENTOS

Embora figurem nas páginas iniciais, os agradecimentos são, em ordem cronológica, as últimas linhas que escrevo neste trabalho. Por conseguinte, é inevitável sentir um misto de alívio e angústia em face deste momento que simboliza o “início do fim” do período de 5 anos que representou a mais importante fase da minha vida até agora. A menina que subiu as escadarias do Prédio Histórico da UFPR no dia 10 de fevereiro de 2014 para comparecer à primeira aula do curso de Direito já não é mais a mesma – e isso se deve em grande parte àqueles que caminharam ao meu lado durante essa memorável jornada.

Os primeiros agradecimentos só poderiam ser direcionados àquela que foi o meu lar não apenas durante 39 semanas de gestação, mas por todos os anos da minha existência. À minha mãe, Darcília Tirapelli, a mais profunda e sincera gratidão. Obrigada por demonstrar de tantas formas diferentes como é o maior amor do mundo e por jamais deixar de acreditar nos meus talentos – até mesmo quando eu duvidava deles. Obrigada pelos valiosos ensinamentos, pela responsabilidade da minha criação, pelo acolhimento nos momentos de dor, pelo constante incentivo ao meu desenvolvimento pessoal, pela paciência com meus erros e pelo respeito às minhas opiniões divergentes. Obrigada por ser minha mãe, exatamente do jeito que você é, sem tirar nem por. Se me fosse dada a oportunidade de escolher alguém para desempenhar esse papel em minha vida, eu sempre escolheria você. Obrigada por materializar o referencial de uma mulher forte e por me inspirar a lutar pelas coisas nas quais acredito. Se hoje tenho a oportunidade de me formar no ensino superior, devo isso a todo o seu o seu esforço para que eu concretizasse esse sonho que hoje também é seu. Como a incorrigível amante de música que fui criada para ser, lhe dedico os versos que você um dia dedicou a mim: *“Onde quer que vá, leva o coração feliz / Toca a flauta da alegria como doce menestrel / Onde quer que eu vá, vou estar de olho atento à tua menor tristeza / Por no teu sorriso o mel / Onde quer que vá, vá para ser estrela / As coisas se transformam / Isso não é bom nem mau / E onde quer que eu esteja, o nosso amor tem brilho / Vou ver o teu sinal.”* Eu te amo.

Agradeço ao meu pai, Lincoln Alexandre, por ser um exemplo de como o estudo e o conhecimento são valorosas chaves-mestras. Obrigada por demonstrar,

ainda que um tanto distante e por vezes de maneiras que fogem à minha compreensão, que você se orgulha de ser meu pai. Saiba que também me orgulho de ser sua filha. Amo você.

Às minhas avós Erondina Maria Vieira Tirapelli e Lenir Aparecida Alves, que são feitas de carinho e afeto, toda minha gratidão, amor e admiração. Ainda que distintas, suas duras trajetórias de vida demonstram que às mulheres não resta opção senão serem fortes. Obrigada por me ensinarem que resistência é substantivo feminino!

Em âmbito acadêmico, agradeço às e aos mestres que contribuíram para minha formação, sobretudo àqueles cuja didática instiga reflexões que vão além da típica tecnicidade do ensino jurídico, reclamando uma necessária interdisciplinaridade nas discussões que envolvem o Direito. Nesse sentido, é imprescindível mencionar o exemplo da Prof.<sup>a</sup> Priscilla Placha Sá, que brilhantemente orientou esta pesquisa. É impossível esquecer do meu fascínio em relação à sua abordagem do conteúdo programático nas aulas da disciplina tópica de Sistema Penal e Gênero, que foram de extrema relevância para consolidar minha afinidade à temática dos estudos de gênero. Não poderia deixar de agradecer-lá, especialmente, pela valorosa maneira com a qual conduziu a produção deste trabalho antes mesmo que o tema fosse definido. Foi um enorme privilégio ter sido orientada por uma profissional comprometida com as pautas feminista e LGBTI+, tanto no ambiente acadêmico quanto no exercício da advocacia.

Também agradeço imensamente à Prof.<sup>a</sup> Angela Couto Machado Fonseca. Apesar de ter sido sua aluna já no último semestre da graduação, as discussões promovidas durante as aulas da disciplina tópica de Filosofia Contemporânea – a tão famosa tópica de Sexualidade e Gênero – foram sem sombra de dúvidas um dos pontos mais altos da minha formação. Além de extremamente pertinentes no contexto dos debates filosóficos contemporâneos, os temas abordados na disciplina foram essenciais para enriquecer os referenciais teóricos desta pesquisa, que por uma feliz coincidência do destino foi desenvolvida em paralelo com os encontros da tópica.

Além de um espaço de formação acadêmica, a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná foi um importante espaço de formação política. Por isso, registro minha imensa gratidão às e aos camaradas do Partido Acadêmico Renovador – PAR por compartilharem comigo o sonho de uma sociedade mais justa, igualitária e livre de opressões. Em seus 70 anos de história, o PAR sempre teve

relevante atuação tanto na política acadêmica quanto fora dela, assumindo postura de resistência democrática em difíceis momentos da história brasileira, a exemplo do que ocorreu durante a ditadura civil-militar instalada no país pelo golpe de 1964. Em um contexto político tão conturbado quanto o atual, no qual discursos conservadores e fascistas ganham cada vez mais espaço na sociedade brasileira, sinto orgulho e esperança em constatar que o PAR continua a ser um coletivo que resiste aos retrocessos e que se pauta, sobretudo, pela coerência entre discurso e prática. Agradeço aos paristas que tão bem me recepcionaram na faculdade quando eu ainda era caloura, agradeço aos paristas com os quais tive a oportunidade de participar da política acadêmica durante o período da graduação e agradeço, especialmente, à nova geração de paristas que ocupa os espaços desta Universidade. Obrigada por formarem, no ano de 2018, a primeira chapa de disputa pelo Centro Acadêmico com paridade de gênero, raça e orientação sexual. Obrigada pelos profícuos debates, discussões, reuniões e eventos realizados ao longo de todos esses anos – os quais indubitavelmente suscitaram em mim não apenas o interesse, mas a necessidade de abordar a problemática da matabilidade transgênera no Brasil neste trabalho de conclusão de curso.

Não sabemos o que a política nos reserva nesse futuro próximo. A esquerda está fragilizada e precisa urgentemente estabelecer novas formas de aproximação com as bases. No entanto, mesmo em meio à incerteza do que virá, o PAR me enche de orgulho por não ter medo da democracia. Estou certa de que mesmo baqueado pelos golpes da política, esse coletivo prontamente se levantará e andará em busca dos ideais que defende. Agora mais do que nunca, o PAR continuará em luta para virar essa maré. Obrigada por tudo. Sejam fortes e contem comigo para o que precisarem. Vocês sempre serão o meu PAR e os meus pares, *por onde for*.

Ao meu querido Gustavo Correa, o presente mais inesperado com o qual o PAR me agradeceu neste último ano, minha singela e carinhosa gratidão. Não é exagero afirmar que você é uma das almas mais lindas que conheço. Obrigada, especialmente, por dissipar a tensão desse período final de curso com sua companhia, leveza, afeto e cuidado. Obrigada por me deslocar da minha zona de conforto, ainda que sem querer, para uma experiência cheia de sentimentalidade. Você me faz muito feliz.

Agradeço enormemente aos queridos amigos e às queridas amigas que também têm como sua essa jornada de 5 anos pela graduação em Direito: Alice Lana,

Beatriz Figueiredo, Bruno Kons, Carlos Eduardo Fernandes, Carolina Luz, Eric Lopes Costa Monte-Alto, Gabriel Percegon, Gustavo Martinelli, Michael Conradt e Thais Ziliotto. Eu duvido que seria capaz de escolher melhor companhia para essa caminhada. Estudos clandestinos, decretos na Boutique e Casa Verde e inesquecíveis encontros no Repape, Ponto Final e Gato Preto: vocês são os protagonistas de grande parte das melhores lembranças que cultivo até hoje. Sempre guardarei com muito carinho na memória os momentos em que rimos e choramos juntos, tendo a certeza de que a felicidade não seria tão genuína e que o pranto seria inconsolável caso vocês não estivessem lá. Obrigada por me provarem que a amizade é construída diariamente pelo afeto, pelo companheirismo e pelo bom-humor. É formidável compartilhar a existência com pessoas extraordinárias como vocês. Vida longa e próspera a nós e à nossa bela amizade!

Um agradecimento muito especial também à minha amiga Priscilla Bartolomeu, que esteve ao meu lado tanto no PAR quanto em sala de aula. Obrigada por ser um importante referencial de feminismo e de militância estudantil para mim, além de compartilhar materiais que foram indispensáveis à conclusão deste trabalho.

Neste derradeiro ano da graduação, a Universidade Federal do Paraná também me presenteou com o ingresso no Grupo de Música Popular Brasileira, o que simbolizou o início de uma nova e importante fase do meu desenvolvimento pessoal. Fazer parte desse grupo artístico é uma honra e um privilégio. Por isso, agradeço aos membros do Grupo de MPB na pessoa do Maestro Vicente Ribeiro, que tão gentilmente me acolheu sob a sua regência.

Também devo imensa gratidão a Agnes Ignácio, autora do texto que figura na epígrafe deste trabalho. Sua interpretação de “Onze Fitas” no espetáculo dos solistas do Grupo de MPB em setembro de 2018 foi inefavelmente cortante, não me restando opção senão empregar o lirismo da canção na abertura do último capítulo desta monografia. Agnes, obrigada por ser a artista que você é.

Não poderia deixar de agradecer também à Rede Trans Brasil, à Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA e ao Instituto Brasileiro de Trans de Educação – IBTE pelo trabalho desenvolvido no tocante ao levantamento de dados relativos aos assassinatos de transgêneros no Brasil. Seria impossível desenvolver esta pesquisa sem a esquematização desses casos. É inspirador o empenho das entidades mencionadas em elaborar relatórios dessa natureza mesmo ante a

ausência de apoio por parte do Poder Público. Nesse sentido, estendo meu agradecimento às demais entidades, organizações e movimentos que lutam pelos direitos da população LGBTI+ no Brasil, sobretudo pelos direitos das pessoas transgêneras. Agradeço especificamente a pessoa do saudoso João W. Nery, cujo admirável legado fala por si mesmo.

Por fim, agradeço aos demais personagens que de alguma forma influenciaram o enredo desta história – quer com uma palavra amiga, quer com um gesto de gentileza –, tanto aqueles com os quais convivi diariamente quanto os que estão a quilômetros de distância. Muito obrigada!

*às vezes ainda me pego chorando pela morte de dandara. é uma angústia e alguns flashes súbitos que me atravessam nas horas mais inusitadas. é talvez impossível pra cisgeneridade branca entender por completo o que é uma travesti morrendo, o que se alastra por nossas corpas quando uma se vai. a brutalidade de ser alvo de um genocídio é uma mudança de paradigma tremenda em nossas vidas. nós não somos como vocês.*

*lembrem-se disso quando forem medir seu terror sensacionalista em relação à política. nós já vivemos no inferno que vocês temem habitar, nossas cabeças já são outras. a ameaça nunca cessou.*

Agnes Ignácio



## RESUMO

Dados coletados e esquematizados por ONGs nacionais e internacionais demonstram que o Brasil é o país que mais registra assassinatos de indivíduos transgêneros em todo o mundo. Partindo-se da noção de que o gênero é constituído mediante performances reiteradas, este trabalho visa refletir como a transgeneridade se consubstancia na transgressão do dispositivo binário de gênero, que opera em sociedade como uma norma padronizadora que admite apenas duas possibilidades de existências corporais: fêmea-mulher-feminino e macho-homem-masculino. Como retaliação pela transgressão da norma, os corpos transgêneros são submetidos a uma série de reações sociais negativas, dentre elas a violência física. Da análise de dados gerais e específicos acerca da violência letal que vitimou transgêneros no Brasil entre outubro de 2015 e outubro de 2018, é possível notar diversas peculiaridades, como a ritualização das mortes, a predominância do transfeminicídio e o estado de extrema marginalização da maior parte das vítimas. A partir dessas informações, a matabilidade de transgêneros no Brasil passa a ser analisada sob as lentes teóricas das noções de vida precária e vida passível de luto, ambas teorizadas por Judith Butler, e dos conceitos de necropoder e necropolítica de Achille Mbembe, visto que a problemática estudada é fruto de um contexto político e social típico das periferias do capitalismo, o qual decorre de estruturas pós-coloniais. Nesse sentido, constata-se que a população transgênera no Brasil está constantemente exposta a severas condições de precariedade e a uma verdadeira necropolítica trans que promove não apenas mortes físicas, mas também simbólicas.

Palavras-chave: Transgênero. Matabilidade. Transfeminicídio. Vida precária. Necropolítica.

## **ABSTRACT**

Data collected and schematized by international and national NGOs demonstrate that Brazil is the country with the highest indexes of transgender murders in the whole world. Starting with the notion that gender consists in reiterated performances, this work seeks to consider how the transgender phenomenon consolidates itself in the transgression of the device of binary gender, which operates in society as a standardizer norm that admits only two possibilities of bodily existence: female-woman-feminine and male-man-masculine. Transgender bodies are subjected to a series of negative social reactions, amongst them physical violence, as a retaliation due the transgression of the norm. The analysis about general and specific data about the lethal violence that victimized transgender people in Brazil between October 2015 and October 2018 demonstrates many singularities, such as the ritualization of the deaths, the predominance of transfeminicide and the status of extreme marginalization of the majority of the victims. The killability of the transgender population in Brazil is then analyzed by the notions of precariousness and grievability, both theorized by Judith Butler, and the concepts of necropower and necropolitics of Achille Mbembe, since the studied subject is a result of a political and social context that is typical of the peripheries of capitalism, which is an outcome of postcolonial structures. In this regard, it is verified that the transgender population in Brazil is constantly exposed to severe precarious conditions and to an actual trans necropolitics, which causes not only physical deaths, but also symbolic ones.

Key words: Transgender. Killability. Transfeminicide. Precariousness. Necropolitics.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>A TRANSGRESSÃO DE GÊNERO.....</b>	<b>13</b>
2.1	A NOÇÃO DE PERFORMATIVIDADE.....	19
2.2	REAÇÕES SOCIAIS AO FENÔMENO DA TRANSGRESSÃO DE GÊNERO .....	25
2.2.1	Objetificação e hipersexualização.....	26
2.2.2	Patologização .....	29
2.2.3	Marginalização.....	32
2.2.4	Violência física .....	34
<b>3</b>	<b>DADOS SOBRE A VIOÊNCIA LETAL CONTRA TRANSGÊNEROS NO BRASIL .....</b>	<b>36</b>
3.1	DADOS GERAIS.....	41
3.2	CASOS ESPECÍFICOS .....	45
3.2.1	Mortes ritualizadas.....	47
3.2.2	Crimes praticados por contratantes de serviços de prostituição.....	52
3.2.3	Violência doméstica .....	54
3.2.4	Assassinatos de cunho político.....	56
<b>4</b>	<b>A NECROPOLÍTICA DA TRANSGRESSÃO .....</b>	<b>59</b>
4.1	VIDAS PRECÁRIAS E VIDAS PASSÍVEIS DE LUTO .....	60
4.2	DO BIOPODER AO NECROPODER.....	62
4.3	CONDIÇÃO DE PRECARIIDADE E NECROPOLÍTICA DA TRANSGRESSÃO .....	67
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>71</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>74</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é o país que mais mata indivíduos transgêneros no mundo. Em que pese o país esteja inserido em um contexto de elevados índices de violência típicos da realidade latino-americana e de outras periferias do capitalismo, nota-se que a condição de existência da população transgênera brasileira é particularmente vulnerabilizada – sobretudo quando comparada à realidade de países que possuem conjunturas políticas e sociais similares ao Brasil, como é o caso do México.

Questiona-se, portanto, quais seriam as origens desse alarmante fenômeno que vitimiza essa população específica, tanto no momento em que a morte efetivamente se consuma quanto no consequente terror propagado entre os demais corpos que ainda vivem.

As discussões acerca da transgeneridade vêm ganhando cada vez mais espaço no debate público, sobretudo em face do fortalecimento de grupos autodeterminados. Ao ocupar esses novos espaços, a população transgênera tem a oportunidade de obter reconhecimento social, apresentar suas reivindicações e conquistar direitos. No entanto, a saída desse *locus* de invisibilização ao qual os indivíduos transgêneros estiveram historicamente relegados também representa a possibilidade de uma maior exposição à violência em face do fortalecimento de discursos reacionários e conservadores.

Quando se fala em transgeneridade, referimo-nos a um fenômeno de transbordamento da inteligibilidade das categorias de sexo e gênero fundadas em um dualismo que se preconiza como sendo universal e imutável, o qual categoriza seres humanos como homens ou mulheres a depender de suas características anatômicosexuais. A transgeneridade materializa, portanto, aquilo que seria impensável dentro dessa lógica dualista: se existem apenas dois corpos, que por sua vez estão atrelados a apenas duas categorias de sexo/gênero, como seria possível a existência de um corpo *transgênero*?

É imperioso, portanto, que o estudo acerca da matabilidade da população transgênera no Brasil se inicie pela busca por embasamentos teóricos que se mostrem aptos a explicar essa (im)possibilidade do gênero, dissecando os mecanismos pelos

quais essa categoria é de fato constituída.

Entretanto, essa descoberta por si só não responde a questão principal: por que as pessoas trans são assassinadas? Assim, se faz necessário que a pesquisa seja orientada a analisar não apenas o evento da morte em si, mas também os diversos fatores que contribuem para minar as condições de existência das pessoas transgêneras, endossando cada vez mais sua exposição à letalidade até o momento em que a vida seja-lhes efetivamente tirada. Parece-nos, portanto, tratar-se de um processo constituído por várias etapas de violência, dentre as quais a morte é a fase final.

Além disso, é significativo olhar para os dados acerca dessa violência letal a fim de se obter um panorama geral do fenômeno. Dessa análise, procura-se elucidar diversas questões: como esses indivíduos são assassinados? Onde ocorrem essas mortes? Quem são os responsáveis por esses crimes?

Mais do que uma questão de gênero, a problemática levantada está também intrinsecamente ligada à realidade da violência na América Latina. O Brasil ainda é um país de capitalismo periférico e, como tal, sujeito a contextos políticos, econômicos e sociais decorrentes de estruturas pós-coloniais. Dessa maneira, é imprescindível que o tema seja analisado sob enfoques teóricos adequados a essa conjuntura.

Assim, aliando estudos de gênero a noções de ciência política, este estudo é orientado a diagnosticar os aspectos que fazem com que o Brasil lidere o *ranking* mundial de assassinatos de pessoas transgêneras.

## 2 A TRANSGRESSÃO DE GÊNERO

Ela é tão singular  
Só se contenta com plurais  
Ela não quer pau, ela quer paz  
Seu segredo ignorado por todos, até pelo espelho

Mulher  
Mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher (4x)

Nem sempre há um homem para uma mulher,  
mas há 10 mulheres para cada uma  
E uma mulher é sempre uma mulher [...]  
**É sempre uma mulher? (4x)**

Ela tem cara de mulher  
Ela tem corpo de mulher  
Ela tem jeito  
Tem bunda  
Tem peito  
*E o pau de mulher!*

Sapatos de salto plataforma vermelhos sustentam um corpo negro e esguio que traja um robe translúcido de cor púrpura. Através da penumbra, a figura se desloca até o genuflexório e se ajoelha, apoiando os pulsos sobre o madeiro. Os dedos se entrelaçam em posição de prece, de maneira a evidenciar as longas unhas pintadas de branco. Delicadamente, ela prostra sua fronte, como quem suplica por perdão. Ouve-se a frequência metálica de um sino. Ela levanta os olhos para o céu.

A descrição corresponde à cena de abertura do experimento audiovisual documental “blasFêmea”, idealizado pela artista MC Linn da Quebrada, que se identifica como “*bicha, trans, preta e periférica. Nem ator, nem atriz, atroz. Performer e terrorista de gênero.*”<sup>1</sup> A trilha sonora que acompanha a obra é “Mulher”, composta e interpretada pela própria Linn, cuja temática diz respeito às “*diversas possibilidades e expressões do corpo feminino.*”<sup>2</sup>

As manifestações artísticas de Linn da Quebrada são chocantes e nada ortodoxas. A exemplo do que ocorre em “blasFêmea”, a artista mistura elementos sagrados, próprios da religião católica, a símbolos dotados de uma exacerbada carga sexual. Muito embora a mescla entre o sagrado e o profano seja uma fórmula

<sup>1</sup> G1. **De testemunha de Jeová a voz do funk LGBT, MC Linn da Quebrada se diz 'terrorista de gênero'**. Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2016/09/de-testemunha-de-jeova-voz-do-funk-lgbt-mc-linn-da-quebrada-se-diz-terrorista-de-genero.html>. Acesso em: 25 jun. 2018.

<sup>2</sup> YOUTUBE. **Linn da Quebrada – blasFêmea**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ptoK2ODrEGI>. Acesso em: 07 nov. 2018.

recorrentemente utilizada em expressões artísticas como mecanismo de protesto e autoafirmação, sobretudo por mulheres, a obra de Linn faz referência a aspectos que vão além de questões como liberdade sexual ou emancipação feminina: trata-se, neste caso, da blasfêmia e da transgressão ao próprio conceito de gênero.

Afirma-se que uma mulher é sempre uma mulher. Logo em seguida, contudo, o eu-lírico questiona, não uma, mas quatro vezes: uma mulher é sempre uma mulher? O que caracteriza, afinal, o “ser mulher”?

O binarismo de gênero determina que somente duas categorias de gênero são oficialmente reconhecidas pela sociedade: homem e mulher. Ademais, o binarismo não se limita a conformar a identidade de gênero dos indivíduos a apenas duas possibilidades, mas também atrela essa identidade a características anatômicosexuais: caso o indivíduo nasça com um pênis, lhe será designado o gênero masculino; caso nasça com uma vagina, compreende-se tratar de um indivíduo que pertence ao gênero feminino. Assim, o binarismo apregoa que a ordem de gênero é fundamentada na diferença sexual e que a verdade das identidades reside nas estruturas corporais.<sup>3</sup>

Nesse sentido, cabe assumir que o binarismo de gênero se trata de um poderoso dispositivo.<sup>4</sup> Conforme teorizado por Foucault, o conceito de dispositivo consiste em um conglomerado de discursos, instituições, leis, proposições e enunciados hegemônicos que possuem uma função estratégica dominante. *“Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.”*<sup>5</sup> Assim, pode-se dizer que o dispositivo binário de gênero se constitui num conjunto de normas<sup>6</sup> e regramentos, compostos por conteúdos ditos e não ditos, que determinam o *“enquadramento das pessoas em um dos dois gêneros oficialmente reconhecidos – homem e mulher ou masculino e*

<sup>3</sup> BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 24-25.

<sup>4</sup> LETÍCIA, Lanz. **O corpo da roupa: A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014, p. 11.

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. **Sobre a História da sexualidade**. In: \_\_\_\_\_. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2000, p. 244.

<sup>6</sup> O conceito de “normas” adotado neste trabalho se refere ao conjunto geral de regras de comportamento e de conduta social que regulam e orientam as ações dos indivíduos no que diz respeito ao gênero. Pode-se mencionar o vestuário como um exemplo de incidência das normas do dispositivo binário de gênero: vestidos são itens de vestuário que, de acordo com essas normas, só podem ser utilizados por mulheres. Como apontado por LANZ (p. 61), as normas ditam a gramática das interações sociais, especificando o que é e o que não é aceitável em um determinado arranjo social.

*feminino, em função do órgão sexual que elas trazem entre as pernas ao nascer.*<sup>7</sup> As normas do dispositivo estabelecem, portanto, que a diferença sexual é o pilar fundamental da ordem de gênero e que a verdade das identidades reside nas estruturas corporais.<sup>8</sup>

Verifica-se, conseqüentemente, a existência de formas idealizadas de gênero, ou os “gêneros inteligíveis”, pautados no dualismo vagina-mulher-feminino *versus* pênis-homem-masculino – diferenças binárias cuja coerência é pautada pela matriz heterossexual.<sup>9</sup> Logo, a heterossexualidade não se traduz apenas como uma prática sexual, e sim como um regime de poder, o que significa que os padrões heterossexuais são impostos aos indivíduos mediante a repetição reiterada de códigos que se mascaram como naturais, como se fossem premissas neutras, isentas de condicionamento em relação aos contextos históricos nos quais estão inseridas.<sup>10</sup>

Além de não serem inerentes aos seres humanos, essas convenções regidas pela matriz heterossexual não foram sempre vigentes na sociedade. Conforme demonstra o levantamento bibliográfico realizado pelo historiador Thomas Laqueur, os lugares do feminino e do masculino em âmbito social foram redefinidos em razão da disputa entre os discursos científicos do isomorfismo e do dimorfismo.<sup>11</sup>

De acordo com a corrente do isomorfismo, haveria plena correspondência entre as anatomias feminina e masculina, pois todas as estruturas expostas no corpo do homem, como o pênis, os testículos e o prepúcio, encontravam-se também no corpo da mulher, localizadas na parte de dentro. A diferença entre ambos residiria tão-somente na intensidade do calor corporal. Nessa lógica, os órgãos sexuais não serviriam como fundamento para posicionar os indivíduos de maneira distinta em sociedade, já que haveria somente um tipo de corpo.

Por sua vez, o discurso do dimorfismo é construído a partir dos séculos XVIII e XIX num contexto em que a ordem moral passou a ser explicada por produções científicas fundamentadas no império da biologia, atendendo a interesses de ordem

---

<sup>7</sup> LETÍCIA, Lanz. **O corpo da roupa:** A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014, p. 25-26.

<sup>8</sup> BENTO, Berenice. **O que é transexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 24-25.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 25



política.<sup>12</sup> De acordo com esse raciocínio, os comportamentos dos indivíduos – sobretudo os comportamentos sexuais – estariam fundamentados em características biológicas. Assim, o masculino e o feminino possuiriam essências próprias e intangíveis, com a natureza ditando as normas que regem a organização social. O dimorfismo traz, portanto, uma série de valores como verdades absolutas, naturalizando normas acerca do gênero e da sexualidade<sup>13</sup> que caracterizam uma tecnologia de produção de corpos-sexuados. De acordo com essa tecnologia, a inteligibilidade dos corpos só ocorre a partir do momento no qual lhes é atribuído algum gênero.

É a partir do século XIX, portanto, que se consolida o dispositivo binário de gênero, fundamentado pela produção científica, que se utiliza de investimentos discursivos sobre os corpos. Esses discursos submetem e condicionam os corpos antes mesmo do nascimento: de maneira geral, uma das primeiras perguntas feitas durante a gravidez é acerca do sexo do bebê. *“A luta para a construção de uma leitura dos corpos fundamentada na diferenciação radical entre corpos-sexuados se impõe hegemonicamente no século XIX, propiciando a emergência de novas subjetividades e de novas identidades coletivas.”*<sup>14</sup>

Não obstante, em que pese as relevantes investidas de consolidação das normas que fundamentam o dispositivo binário de gênero, apregoadas tanto pela produção científica quanto pelos discursos do senso comum, diversas manifestações de gênero divergem dos moldes estabelecidos por esse dispositivo. Paradoxalmente, os fenômenos que caracterizam a transgressão dessas normas são consequências inevitáveis dessa ordem na qual a inteligibilidade dos gêneros reside na sexualidade dos corpos.<sup>15</sup> Assim, tanto a transexualidade quanto outras experiências de transcendência das normas do dispositivo binário de gênero expõem a falácia do discurso construído na modernidade, demonstrando que as estruturas corpóreas não delimitam, por si só, os desejos dos indivíduos.<sup>16</sup> Em vista disso, conclui-se pela inexistência de uma pretensa naturalidade inerente aos corpos-sexuados, vez que eles são apenas resultados dessas normas de gênero.

---

<sup>12</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 31-33.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 26.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 38.

O fenômeno da transgeneridade se constitui, portanto, como uma experiência identitária de transgressão às normas de gênero,<sup>17</sup> que faz com que a simplicidade do binômio masculino *versus* feminino se perca, demonstrando um gama de complexidades quanto às identidades masculinas, femininas ou que transcendam esse próprio binarismo identitário. Por isso, LANZ conclui que o prefixo “trans”, de “transgênero”, não se origina de “transformação”, “transição” ou “transtorno”, mas sim de “transgressão”, uma vez que a dita condição transgênera se consubstancia no desvio em relação ao dispositivo binário de gênero.<sup>18</sup>

Nesse contexto, a autora relembra que o caráter transgressivo de determinadas condutas não se pauta no comportamento do indivíduo em si, mas sim no sistema de valores vigente na coletividade, que define quais comportamentos são aceitáveis e quais devem ser repudiados. O construcionismo social define que as definições políticas e culturais de cada sociedade estabelecem as condutas desviantes, conforme teorizado por Durkheim ao transportar a análise sobre o desvio social do âmbito individual para o coletivo.<sup>19</sup> Não haveria, portanto, atos inerentemente transgressores, uma vez que um desvio é rotulado como tal de acordo com os critérios definidos pelas instâncias de poder da sociedade. Assim, os transgressores “*são produto da rotulação que recebem e não de motivações pessoais para o exercício de comportamentos desviantes.*”<sup>20</sup>

Cabe afirmar, portanto, que o fenômeno da transgeneridade sequer se caracterizaria como transgressão às normas de gênero caso o dispositivo de gênero legitimasse identidades diversas do binômio homem-masculino e mulher-feminino ou, ainda, se esse dispositivo não mais existisse: “*Afinal, é a norma que cria a infração da norma; se a norma é extinta, deixa de haver infração.*”<sup>21</sup>

Apesar da notória emergência de novas maneiras de expressão do gênero e da sexualidade, o dispositivo binário de gênero ainda se encontra fortemente enraizado na sociedade ocidental, relegando os indivíduos transgêneros à posição de seres transgressores, exóticos e marginais. Ao reconstruírem suas posições

---

<sup>17</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>18</sup> LETÍCIA, Lanz. **O corpo da roupa:** A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014, p. 25-26.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 57.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 24.

identitárias, transitando entre as concepções de gênero e negando a “*precedência explicativa do biológico*”, os transgêneros chegam a ser excluídos da categoria de humanidade.<sup>22</sup> No entanto, o fenômeno da transgeneridade representa uma ameaça ao próprio fundamento do dispositivo binário de gênero, pois reivindica o gênero em desconformidade com o corpo-sexuado.<sup>23</sup> Assim, a existência de indivíduos que não se conformam a esse dispositivo demonstra que a verdade acerca dos gêneros não se encontra nas diferenças biológicas, mas sim nas múltiplas possibilidades de construção de novos significados para os gêneros. Nessa perspectiva, o elemento criativo do gênero é justamente a reiteração de atos, ou seja: o gênero se corporifica através de performances.<sup>24</sup>

O controle produtor de masculinidades e feminilidades conformes ao dispositivo binário de gênero opera mediante a reiteração de ensinamentos acerca de sexualidades e identidades de gênero “normais” e “naturais”. No entanto, é nesse processo de reiteração, muitas vezes camuflado e esquecido, que reside o ponto fraco do dispositivo: “*reiterar significa que é através das práticas, de uma interpretação em ato das normas de gênero, que o gênero existe*”.<sup>25</sup> Assim, os próprios atos performáticos são citações das verdades estabelecidas em relação aos gêneros; as características supostamente “naturais” aos corpos são, em verdade, produzidas mediante atos performáticos; a suposta essência inerente ao gênero não passaria de um produto de “*um conjunto de atos postulados por meio da estilização dos corpos*”.<sup>26</sup>

Tendo em vista que as sexualidades e as identidades de gênero desviantes são controladas por performances, resta demonstrado que os indivíduos cisgêneros – aqueles que se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer – também assumem e fazem seu próprio gênero através desse mesmo processo de reiteração de atos performáticos, corporificando o gênero através de performances, da mesma maneira como ocorre com os indivíduos transgêneros. Nesse sentido, BENTO assevera que

O que diferencia as performances das/os mulheres/homens biológicas/os das/os transexuais é a legitimidade que as normas de gênero conferem a cada uma delas, instaurando, a partir daí, uma disputa discursiva e uma

<sup>22</sup> BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 45-46.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 47-48.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 46.

produção incessante de discursos sobre a legitimidade de algumas existirem e de outras serem silenciadas e eliminadas.<sup>27</sup>

Apesar de transcender a capacidade de compreensão numa lógica regida pelo dispositivo binário de gênero, o fenômeno da transgeneridade se opera de acordo com o mesmo processo pelo qual se materializa a cisgeneridade, uma vez que o gênero se constrói mediante atos performáticos, independentemente dos destinos biológicos supostamente traçados pelos corpos-sexuados.

Assim, a performance de Linn da Quebrada em “blasFêmea” exemplifica não apenas a transgressão às normas do dispositivo binário de gênero, mas também materializa a noção de que o sexo e o gênero se constituem mediante atos performáticos, independentemente de supostos determinismos biológicos. Além de se identificar como travesti, Linn desempenha uma série de atos performáticos que reivindicam para si o gênero feminino – atos estes dotados de significados que, segundo o próprio dispositivo binário de gênero, são propriamente femininos, como usar sapatos de salto alto ou ter unhas compridas.

Diante dessas constatações, importa aprofundar a análise acerca do conceito de gênero enquanto performatividade socialmente construída, tomando como base as contribuições da filósofa pós-estruturalista Judith Butler acerca do tema. Na sequência, tratar-se-á de alguns dos aspectos que envolvem a percepção social dessa transgressão de gênero e os impactos desses diferentes tipos de percepção na vida dos indivíduos que subvertem as normas do dispositivo binário de gênero.

## 2.1 A NOÇÃO DE PERFORMATIVIDADE

As teorizações de Judith Butler a respeito da performatividade de gênero se originam na crítica às ficções fundacionistas que sustentam a noção de sujeito<sup>28</sup> possuidor de uma identidade ontologicamente definida – no caso, a categoria das

---

<sup>27</sup> Ibidem, p. 48.

<sup>28</sup> BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 20.

mulheres – o qual seria o objeto de representação do feminismo.<sup>29</sup> Em sua obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, Butler pondera que, embora o sujeito seja uma questão crucial no tocante à representatividade política<sup>30</sup>, não há concordância quanto a uma suposta “essência”<sup>31</sup> ou base universal para o feminismo que seja passível de aplicação em diferentes contextos culturais.<sup>32</sup> Nesse sentido, a autora se utiliza de noções foucaultianas a respeito dos sujeitos representados pelos sistemas de poder, ressaltando que estes formam, definem e reproduzem aqueles – *“assim, o sujeito feminista se revela discursivamente constituído, e pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação [...]”*.<sup>33</sup> Disso resulta que o sujeito, assim como o gênero, é um construto performático<sup>34</sup> que não pode ser separado dos contextos político-culturais nos quais é produzido e mantido.<sup>35</sup>

Para Butler, o gênero se constitui mediante performances sociais contínuas – uma *repetição estilizada de atos* que legitima, portanto, a própria identidade de gênero, cuja estabilidade é meramente ilusória.<sup>36</sup> Não há, entretanto, um ator preexistente a esses atos – o que não implica na inexistência do sujeito, mas sim na concepção de que o mesmo é constituído no contexto de sua própria performatividade e não antes dela, sendo o agente uma ficção que se acrescenta à ação.<sup>37</sup> *“Meu argumento é que não há necessidade de existir um “agente por trás do ato”, mas que o “agente é diversamente construído no e através do ato.”*<sup>38</sup> Assim, ao ponderar sobre as pretensas noções de masculinidade e feminilidade impostas pela matriz heterossexual como verdadeiras e permanentes, Butler denuncia uma estratégia que visa ocultar tanto o caráter performático do gênero quanto as possibilidades de proliferação de identidades de gênero desviantes dos padrões estabelecidos pelas

---

<sup>29</sup> Ibidem, p. 17-18.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>34</sup> SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 65.

<sup>35</sup> BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 21.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 242.

<sup>37</sup> SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 66 e 90.

<sup>38</sup> BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 245-246.

estruturas de dominação masculinista e de heterossexualidade compulsória.<sup>39</sup>

As proposições da autora acerca do gênero como performance também se baseiam na obra do filósofo Jacques Derrida, que propõe substituições para as categorias de significado e identidade política. Segundo o autor, não haveria uma estabilidade para esses conceitos, que deveriam ser tratados a partir da noção de movimento ou processo – um devir permanente que nunca se dá por completo, numa lógica em que as identidades nunca seriam dados estáveis, mas parte de um processo interminável de identificação.<sup>40</sup> Trata-se de um jogo no qual não se encontram significados por trás de significantes, “*no qual o “sentido” se dá como efeito.*” A noção de alteridade acentuada na obra de Derrida se alia a esses conceitos de identificação e de impossibilidade de presença, sendo replicada por Butler quando a autora questiona a afirmação de identidades políticas.<sup>41</sup>

Conforme descreve SALIH, a chave das teorias de Butler a respeito da identidade performativa é a assunção de gênero enquanto efeito e não como causa – razão pela qual a autora procede numa investigação genealógica sobre o próprio efeito do gênero.<sup>42</sup> Ao assumir que o sexo é tão socialmente construído quanto o gênero, Butler anula a distinção entre as duas categorias, asseverando que não se pode compreender o gênero como uma construção cultural imposta sobre uma superfície material (o sexo ou o corpo), vez que o sexo não é uma “*descrição estática daquilo que alguém é*”, mas apenas uma das normas pelas quais o indivíduo viabiliza sua existência em determinados padrões de inteligibilidade cultural.<sup>43</sup> Para a autora, a oposição entre sexo e gênero caracteriza-se como um sintoma da tradição de oposições metafísicas hierárquicas próprias do pensamento ocidental, de maneira a reproduzir um modelo binário semelhante ao par “significante/significado”, por meio do qual o gênero seria consequência do sexo.<sup>44</sup> Ao argumentar que “*a distinção entre*

---

<sup>39</sup> Ibidem, p. 244.

<sup>40</sup> RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 10, p. 140-164, abr. 2012, p. 148. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872012000400007&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872012000400007&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 12 set. 2018.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 146-148.

<sup>42</sup> SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 70.

<sup>43</sup> BUTLER, Judith P. Corpos que pesam: os limites discursivos sobre o “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 111.

<sup>44</sup> RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 10, p. 140-164, abr. 2012, p. 149. Disponível em:

*sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma*”,<sup>45</sup> Butler estabelece um paralelo com as concepções de Derrida acerca da ausência de diferenciação entre significado e significante. Dessa forma, desprendendo-se de concepções metafísicas nas quais o gênero expressaria a essência do sujeito, a filósofa desmonta a estrutura binária entre sexo e gênero, de maneira análoga ao desmonte da unidade do signo promovido por Derrida. A simetria entre os dois autores também se verifica quanto às afirmações de que não há significados/identidades por trás dos/as significantes/expressões de gênero, mas sim que os sentidos/identidades são construídos mediante efeitos constituídos por uma cadeia de significantes/atos performáticos.<sup>46</sup>

Nesse sentido, assume-se que não há um “corpo natural” anterior à existência social, o que demonstra que o gênero é algo que os indivíduos fazem – uma sequência de atos, conforme já mencionado. Assim, o corpo se constituiria em um dado tão cultural quanto o gênero. A performatividade não se dá, no entanto, de maneira livre, uma vez que tais atos são repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido.<sup>47</sup>

Tendo em vista o *status* fantasístico do gênero, que por sua vez é efeito de uma performatividade politicamente imposta, BUTLER ressalta se tratar de uma categoria sujeita a cisões, paródias, autocríticas e exhibições hiperbólicas das identidades padronizadas na matriz heterossexual, a exemplo do *drag queen/king*.<sup>48</sup> Assim, utilizando-se de uma genealogia crítica em relação à naturalização do sexo e dos corpos – numa análise política da heterossexualidade compulsória –, a filósofa demonstra que a criação, regulação e desregulação das identidades de gênero estão sempre inseridas num determinado contexto político.<sup>49</sup> Nega-se, portanto, um “*modelo epistemológico que presume a prioridade do agente em relação ao ato*”, uma vez que tal modelo pressupõe a existência de “*um sujeito global e globalizante que renega sua*

---

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872012000400007&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872012000400007&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 12 set. 2018.

<sup>45</sup> BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 27.

<sup>46</sup> RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 10, p. 140-164, abr. 2012, p. 150. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872012000400007&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872012000400007&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 12 set. 2018.

<sup>47</sup> SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 89-91.

<sup>48</sup> BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 253.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 254.

*própria localização e as condições de intervenções locais*".<sup>50</sup> Nesse sentido, Butler define a ontologia como uma injunção normativa baseada não no gênero em si, mas no próprio discurso político.<sup>51</sup>

É importante ressaltar, contudo, a diferenciação entre os termos *performance* e *performatividade* na teoria de Butler. Ao contrário da noção de *performatividade*, que contesta a própria noção de sujeito, a *performance* teria como pressuposto a existência do sujeito, o *performer*. De acordo com a própria filósofa, o conceito de *performatividade* por ela adotado estaria ligado à teoria dos atos de fala de J. L. Austin, bem como à desconstrução dessas ideias por Derrida. Assim, a *performatividade* linguística estaria associada ao gênero a partir do entendimento de que não existem identidades fora da linguagem, uma vez que os sujeitos não são a causa, mas sim os efeitos dos discursos.<sup>52</sup> A afirmação de que os corpos são discursivamente construídos não implica em negar a existência de um corpo material, e sim que essa materialidade só pode ser apreendida através do discurso.<sup>53</sup>

As conexões entre o corpo material e a temática da *performatividade* são abordadas por Butler na obra "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"", na qual a autora vincula a *performatividade* aos conceitos de citacionalidade e interpelação, por meio dos quais se reforça a noção de que o corpo só pode ser conhecido através da linguagem e do discurso.<sup>54</sup>

Assim, tratando-se da matéria dos corpos, as declarações constatativas são sempre performativas, pois os atos linguísticos, além de nomear o sujeito, também o constituem. Nesse sentido, de acordo com as teorias linguísticas de J. L. Austin, é possível elencar dois tipos distintos de enunciados: constatativos, que meramente relatam ou descrevem algo, e performáticos, que traduzem a realização do que está sendo dito. A declaração de que o sexo é sempre performático implica na assunção, portanto, de que os corpos são sempre constituídos nos atos que os descrevem.<sup>55</sup>

A interpelação é exemplificada por BUTLER ao mencionar a atribuição sexual realizada no momento do nascimento ou a partir do momento no qual se anuncia o

---

<sup>50</sup> Ibidem, p. 255.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 256.

<sup>52</sup> SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 90-91.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 104-105.

<sup>54</sup> Ibidem, p. 113.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 123-125.



sexo de um bebê: “é um menino” ou “é uma menina”. Assim, o conceito de interpelação é adotado para demonstrar *“como as posições de sujeito são conferidas e assumidas através do ato pelo qual a pessoa é chamada.”*<sup>56</sup> Descrever um bebê com base em suas características sexuais é, portanto, um enunciado interpelativo performático, e a linguagem assume, nesse contexto, uma função constituidora do corpo, e não meramente descritiva.<sup>57</sup> Por sua vez, o conceito de citacionalidade assume um sentido derridiano ao *“descrever as formas pelas quais normas ontológicas são empregadas no discurso.”*<sup>58</sup> Enquanto Derrida ressalta que os signos citacionais podem ser deslocados mediante o fenômeno denominado “transplante citacional”, entrando em desconformidade com as intenções de quem os enuncia, BUTLER aponta a possibilidade de subversão do gênero, sustentando que a citacionalidade pode ser empregada como estratégia para reverter a exclusão das identidades de gênero divergentes do padrão imposto pelo dispositivo binário.<sup>59</sup>

Em “Corpos que pesam”, BUTLER também ressalta que a necessidade de reiteração das normas<sup>60</sup> responsáveis pela materialização do sexo demonstram que esse processo não encontra pleno sucesso na tarefa de conformar os corpos, havendo, portanto, diversas instabilidades capazes de fazer com que a norma se volte contra ela mesma:

A categoria do "sexo" é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de "ideal regulatório". Nesse sentido, pois, o "sexo" não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla. Assim, o "sexo" é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o "sexo" é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o "sexo" e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que arcam um

<sup>56</sup> Ibidem, p. 109.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 112.

<sup>58</sup> Ibidem, p. 127.

<sup>59</sup> Ibidem, p. 129.

<sup>60</sup> A reiteração da norma pode ser compreendida como a constante adequação dos atos performáticos às normas do dispositivo binário de gênero. Exemplo dessa reiteração é o que ocorre com os indivíduos cisgêneros, cujos atos performáticos constantemente reiteram regras de conduta social que definem quais tipos de comportamentos seriam legitimados enquanto masculinos ou femininos.

domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória.<sup>61</sup>

É em face dessas instabilidades e das possibilidades de rematerialização, portanto, que se viabiliza o fenômeno da transgressão de gênero. No entanto, essas manifestações não estão isentas de reações sociais por parte das instituições e dos demais indivíduos cujos atos performáticos se dão em conformidade com a norma regulatória, conforme passará a se expor.

## 2.2 REAÇÕES SOCIAIS AO FENÔMENO DA TRANSGRESSÃO DE GÊNERO

Sendo a transgeneridade um fenômeno que fere, transgride e se opõe à norma calcada no dispositivo binário de gênero, é de se esperar que as respostas sociais à sua ocorrência sejam majoritariamente negativas. Embora haja, sem dúvidas, reações positivas que se traduzem em aceitação e acolhimento de indivíduos transgêneros, a temática ainda é permeada por controvérsias e tida como tabu em sociedade.

LANZ sustenta que o estigma sobre indivíduos cuja expressão de gênero foge ao convencional ainda persiste e dele decorrem manifestações de discriminação, segregação, intolerância e violência real ou simbólica, que afetam os indivíduos transgêneros tanto em suas relações interpessoais e grupos quanto na legitimação de direitos civis. Segundo a autora, um conceito sumariza o ódio e a violência que decorrem desse estigma de gênero: a transfobia.<sup>62</sup>

Dentre as respostas sociais negativas, a violência física é a mais ostensiva e menos sutil de todas. Contudo, ela geralmente se concretiza em contextos nos quais já se verificam manifestações prévias de outras respostas sociais negativas, que por

---

<sup>61</sup> BUTLER, Judith P. *Corpos que pesam: os limites discursivos sobre o "sexo"*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 110-111.

<sup>62</sup> LETÍCIA, Lanz. **O corpo da roupa: A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014, p. 141.

sua vez se constituem como instrumentos do exercício de uma violência simbólica que é essencialmente exercida *“pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.”*<sup>63</sup> Assim, segundo BOURDIEU, a violência simbólica se manifestaria de maneira silenciosa e sutil nas relações sociais e teria especial eficácia por supostamente contar com a cumplicidade de quem a sofre.<sup>64</sup>

Para fins de categorização, abordaremos tais manifestações de violências simbólicas a partir de três perspectivas distintas: a objetificação/hipersexualização, a patologização e a satirização. Por fim, trataremos da violência física propriamente dita, que caracteriza um estágio perverso para o qual confluem as violências simbólicas previamente especificadas, sendo por elas retroalimentada.

É importante ressaltar que as categorias destacadas não pretendem esgotar todas as facetas de reações sociais negativas vivenciadas pelos indivíduos transgêneros. A metodologia adotada tem o intuito de tão-somente esquematizar a análise dessas violências. Ademais, cabe reconhecer as limitações da teorização de BOURDIEU sobre o conceito de violência simbólica, visto que muitos dos indivíduos que se encontram em desconformidade com a norma do dispositivo binário de gênero resistem às práticas e discursos que visam subjugar-los.<sup>65</sup>

### 2.2.1 Objetificação e hipersexualização

A modelo Roberta Close foi um dos maiores símbolos sexuais no Brasil nas décadas de 80 e 90. Em 1984, mesmo ano em que Roberta protagonizou o feito

---

<sup>63</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 2. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 7-8.

<sup>64</sup> SILVA, Lara Ferreira da; OLIVEIRA, Luizir de. O Papel da Violência Simbólica na Sociedade por Pierre Bourdieu. **Revista FSA**, Teresina, v. 14, n. 3, art. 9, p. 160-174, mai./jun. 2017, p. 165-166. Disponível em: <<http://www4.fsnet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1342/1249>>. Acesso em: 02 set. 2018.

<sup>65</sup> CAPRONI NETO, Henrique Luiz; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Violência simbólica nas trajetórias profissionais de homens gays de Juiz de Fora, **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 93-110, abr. 2013, p. 100. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2013000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2013000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 set. 2018.

inédito de ser a primeira mulher transgênera a posar nua para a *Revista Playboy*, o jornal *Notícias Populares* veiculou manchete intitulada “*Mulher Mais Bonita do Brasil é Homem*”. A reportagem foi a primeira de muitas que o *NP* viria a publicar sobre Roberta, apresentando a modelo ao público em termos sugestivos, de modo a sexualizar sua imagem: “*Roberta Close, 22, é uma morena de estonteantes 1,80 m de altura, olhos negros, curvas provocantes (93 cm de busto e 103 cm de quadris) e uma malícia ingênua que não deixa dúvidas, merecia ter nascido mulher.*”<sup>66</sup>

A representação imagética do corpo de Roberta Close na mídia é analisada por CANABARRO e MEYRER com a premissa de identificar o modo de construção de imagens transfemininas nos meios de comunicação, o que reflete a noção do corpo como um espaço no qual a cultura se inscreve.<sup>67</sup> A análise se dá com base em três capas da *Revista Manchete* que retratam Roberta em diferentes fases de sua vida:

A primeira é de 1984, ano em que Roberta se tornou um símbolo sexual feminino, nacional e internacionalmente reconhecida e, **para confusão dos discursos de gênero biologizantes, ainda quando possuía um pênis** (fig.1). A segunda imagem é posterior a cirurgia que torna mulher, em 1989. A cirurgia de redesignação sexual que ela realizou fora do Brasil, já que no país não haviam políticas públicas nessa perspectiva e a cirurgia não era autorizada pelo Conselho Federal de Medicina. Por fim, a terceira imagem (fig.3) é de 1994, quando a modelo completava 30 anos de idade e a revista indagava sobre seus 15 anos como mulher.<sup>68</sup> [grifos nossos]

CANABARRO e MEYRER destacam que a maneira como Roberta Close era representada nos meios midiáticos instigava uma “aura de curiosidade” acerca de suas “verdadeiras” características sexuais, estimulando o “*vouyerismo* dos leitores” de modo a despertar potenciais desejos e fantasias<sup>69</sup> sobre um corpo que, apesar de deter características físicas socialmente interpretadas como próprias do gênero feminino,<sup>70</sup> não se alinhava integralmente ao dispositivo binário de gênero –

<sup>66</sup> FOLHA DE S. PAULO. **F5 - saiu no NP - Roberta Close passa a perna em Miss Brasil - 28/05/2014**. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/saiunonp/2014/05/1460965-roberta-close-passa-a-perna-em-miss-brasil.shtml>. Acesso em: 21 ago. 2018.

<sup>67</sup> CANABARRO, Ronaldo; MEYRER, Marlise Regina. “A mulher mais bonita do Brasil”: Os *closes* de Roberta nas capas da *Revista Manchete*: A construção de identidades transfemininas. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 02, p. 212-234, 2016, p. 217.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 219.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 220.

<sup>70</sup> Destacamos aqui o conceito de “passabilidade”, que diz respeito à capacidade de um indivíduo transgênero ser socialmente reconhecido como alguém em conformidade com as normas de gênero. Em “*O Corpo da Roupa: A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*”, a psicóloga Letícia Lanz ressalta que a passabilidade é cara à população transgênera no sentido de promover satisfação pessoal pelo reconhecimento e aceitação públicos, bem como garantir segurança contra ataques motivados por violência transfóbica. Nesse sentido, quanto mais “passável”

sobretudo no período em que Roberta ainda não havia se submetido à cirurgia de redesignação sexual.<sup>71</sup>

Em fevereiro de 2016, o site pornô *RedTube* divulgou um levantamento estatístico contendo diversos dados referentes aos hábitos de internautas brasileiros. Dentre as informações levantadas, consta que a categoria “*shemale*”, termo inglês utilizado para denominar mulheres transgêneras, foi a quinta mais visitada por brasileiros no site. Em perspectiva global, essa categoria ocupa o nono lugar entre as mais assistidas, o que indica que o público brasileiro tem 89% mais chance de pesquisar sobre transexuais no *RedTube* do que o restante do mundo. Ademais, as expressões “*shemale*”, “travesti” e “*brazilian shemale*” figuram na lista dos 30 termos de pesquisa mais utilizados no Brasil.<sup>72</sup>

A transativista e psicóloga Letícia Lanz trata da hipersexualização como uma das pressões sociais que muitas mulheres transgêneras com engajamento político não conseguem se desvencilhar:<sup>73</sup>

Mesmo que ainda seja um dos nossos grandes não-ditos, a crença predominante dentro do gueto transgênero é de que toda mulher trans tem que ser bonita, gostosa e sexy, não importando que ela seja ou não uma trabalhadora do sexo.

Historicamente, beleza e forma física, com base nos estereótipos mais opressivamente machistas de feminilidade, são os parâmetros principais, senão os únicos, tanto para a constituição da subjetividade da mulher trans, quanto para a avaliação da sua performance geral. E as mulheres transgêneras, mesmo muitas daquelas que se dizem politicamente engajadas, tudo que fazem é ceder passivamente a essa invisível e permanente pressão da sociedade para o “enquadramento” das mulheres no modelo machista de feminilidade.

LANZ ressalta que a sociedade e sobretudo a mídia prestigiam em excesso as mulheres transgêneras cuja construção corporal atende aos padrões do desejo masculino, processo que promove não apenas a objetificação e hipersexualização

---

um indivíduo transgênero se apresenta, menores são as chances de que ele ou ela se torne alvo de estigma e violência – o que denota uma hierarquia da violência dentro da própria comunidade transgênera.

<sup>71</sup> A cirurgia de redesignação sexual, também conhecida como CRS, constitui a última etapa do Processo Transexualizador, tratamento atualmente disponibilizado pelo Sistema Único de Saúde em observância às recomendações da *World Psychiatric Association for Transgender Health* (WPATH). O procedimento consiste na reconstrução da genitália de um indivíduo com o intuito de adequá-la à genitália biologicamente oposta (como a construção de neovaginas em mulheres transgêneras).

<sup>72</sup> PORNHUB INSIGHTS. **RedTube & Brazil**. Disponível em:

<<https://www.pornhub.com/insights/redtube-brazil>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

<sup>73</sup> LETÍCIA LANZ. **De quem é a culpa da hiper sexualização, estetização e objetificação da mulher transgênera**. Disponível em: <<http://leticialanz.blogspot.com/2016/10/de-quem-e-culpa-da-hiper-sexualizacao.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.

desses indivíduos, mas também o apagamento de mulheres transgêneras que não se adequam à estética “feminina”. Nesse sentido, a psicóloga tece uma crítica ferrenha: *“A inclusão, o respeito e a dignidade que desejamos e defendemos vai muito além de uma execrável submissão passiva a fantasias sexuais machistas.”*<sup>74</sup>

### 2.2.2 Patologização

Os primeiros estudos clínicos acerca do “fenômeno transexual” se situam nas décadas de 50 e 60, momento a partir do qual as ciências médicas e psi passam a empreender esforços no sentido de diagnosticar a transexualidade. Os três principais documentos que lograram categorizar o fenômeno como patologia clínica são o *Standards of Care* (SOC), publicado a partir de 1979<sup>75</sup> pela então *Harry Benjamin Association*, hoje denominada *World Professional Association for Transgender Health* (WPATH); a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial da Saúde, a partir de 1980; e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua terceira revisão (DSM III), também publicada em 1980.<sup>76</sup>

De acordo com o SOC, a cirurgia de transgenitalização ou redesignação sexual seria a única alternativa eficaz para o tratamento da “disforia de gênero”. Por sua vez, o DSM não traz tanto enfoque à intervenção cirúrgica, mas destaca o modo como o “transexualismo”, “transtorno de identidade de gênero” ou “disforia de gênero” (termos adotados respectivamente nos DSM III, DSM IV e DSM V) se manifesta nas diferentes fases de vida do indivíduo. De maneira distinta, a CID-10 não apresenta orientação acerca de indicadores diagnósticos, ocupando-se apenas em estabelecer características de doenças e seus respectivos códigos, que são aceitos a nível internacional tanto para fins médicos quanto legais. Nesse documento, o fenômeno da transexualidade é categorizado como “transtornos da identidade sexual”, sob o

<sup>74</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>75</sup> WORLD PROFESSIONAL ASSOCIATION FOR TRANSGENDER HEALTH. **Standards of Care**. Disponível em: <https://www.wpath.org/publications/soc>. Acesso em: 18 ago. 2018.

<sup>76</sup> BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 569-581, maio 2012. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200017>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

código F64.0. Dele decorrem diversas subcategorias, como o “travestismo bivalente” (F64.1), o “transtorno de identidade sexual na infância” (F64.2), o “transtorno não especificado de identidade sexual” (F64.9), entre outros.<sup>77</sup>

Apesar de apresentarem diferentes abordagens acerca do tema, os documentos citados retratam as pessoas transgêneras como “*portadoras de um conjunto de indicadores comuns que as posicionam como transtornadas, independentemente das variáveis históricas, culturais, sociais e econômicas*”,<sup>78</sup> valendo-se como instrumento de validação médico-científica das normas que compõem o dispositivo binário de gênero. Assim, sob a ótica dos saberes da medicina, a transgeneridade foi oficialmente concebida como patologia e submetida a tratamentos de natureza médica, cirúrgica, psiquiátrica e psicológica por quase quatro décadas.

Após diversos movimentos e campanhas em prol da despatologização da transexualidade e pelo fim do diagnóstico de gênero, a OMS retirou a transexualidade do rol de doenças da nova versão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11), publicada em 18 de junho de 2018.<sup>79</sup> No entanto, as versões mais recentes do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais e do *Standards of Care* ainda classificam a transgeneridade como “disforia de gênero”, de modo que a patologização ainda se perpetua na medicina. Daí decorre a normalização de uma série escrutínios médicos aos quais os indivíduos transgêneros são submetidos com o intuito de adequá-los ao dispositivo binário de gênero: procedimentos cirúrgicos extremamente invasivos, como mastectomia e redesignação sexual, tratamentos hormonais e diagnósticos psiquiátricos.<sup>80</sup>

O conceito de patologia abordado até então se insere no contexto das ciências médicas, correspondendo a desvios anatômicos ou fisiológicos caracterizadores de doenças. Entretanto, a concepção da transgeneridade como um fenômeno passível de tratamento e até mesmo cura (no sentido de reversão) não se limita ao discurso médico-biológico. Há de se ressaltar, nesse aspecto, a relevante influência dos

---

<sup>77</sup> Ibidem, p. 572.

<sup>78</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>79</sup> WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Diseases**. Disponível em: <http://www.who.int/health-topics/international-classification-of-diseases>. Acesso em: 20 ago. 2018.

<sup>80</sup> ARAN, Márcia; MURTA, Daniela; LIONCO, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1141-1149, ago. 2009, p. 1142-1146. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232009000400020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 nov. 2018.

discursos religiosos acerca da transexualidade, principalmente no que diz respeito às religiões de matriz cristã.

Em abril de 2017, durante as reuniões do Concílio Anual de Primavera, a Comissão Executiva da Igreja Adventista do Sétimo Dia, denominação cristã protestante fundada em 1863 e presente em mais de 200 países, votou sua declaração oficial a respeito da transexualidade. Em que pese a alegação do presidente Ted Wilson de que o desejo da igreja não é pregar intolerância nem afastar as pessoas da “graça transformadora” de Cristo, o documento tão-somente reforça a noção de que a transexualidade é um fenômeno pecaminoso e que não pode ser tolerado na instituição. Além de endossar o binarismo de gênero como um preceito bíblico imutável, a declaração ressalta que a reivindicação de *“uma identidade de gênero incompatível com o sexo biológico revela uma dicotomia séria”*, que se constitui como *“uma expressão dos efeitos prejudiciais do pecado sobre os seres humanos”*. Assim, a denominação encara a “disforia de gênero” como uma condição não intrinsecamente pecaminosa, mas que *“pode resultar em escolhas pecaminosas”*.<sup>81</sup>

O posicionamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia exemplifica a maneira como a grande maioria das denominações cristãs lida com a transexualidade: um fenômeno decorrente e/ou causador de condutas pecaminosas. Consequentemente, não é incomum encontrar nessas instituições discursos que advogam pela “cura” ou “reversão” da transexualidade – assim como ocorre com a homossexualidade, a bissexualidade e quaisquer condutas que não estejam em conformidade com o dispositivo binário de gênero e com a heterossexualidade compulsória.

É notório que tanto a patologização presente no discurso médico-biológico quanto a “patologização” religiosa e social, no sentido de que os indivíduos transgêneros precisariam de cura, representam facetas da violência simbólica exercida contra essa população. É notório que muitos indivíduos transgêneros ainda se submetem a intervenções médicas de caráter extremamente invasivo tanto psíquica quanto fisicamente a fim de se adequarem às expectativas sociais do que seria um corpo feminino ou um corpo masculino. Entretanto, nos parece que os efeitos

---

<sup>81</sup> ADVENTIST NEWS NETWORK. **A IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA VOTA DECLARAÇÃO SOBRE TRANSEXUALIDADE.** Disponível em: <<https://news.adventist.org/pt/todas-as-noticias/noticias/go/2017-04-11/seventh-day-adventist-world-church-vote-statement-on-transgender/>>. Acesso em: 02 set. 2018.



da violência simbólica são ainda mais nefastos quando os dogmas religiosos promovem uma “conversão” das práticas performativas do sexo de modo a se adequarem ao dispositivo binário. Isso é exemplificado no documentário *“Tranzformed: Finding Peace with Your God-Given Gender”*, de David Kyle Foster, que retrata a trajetória de 15 indivíduos que encontraram na religião a “cura” para sua “disforia de gênero”.<sup>82</sup> No Brasil, essas terapias de “conversão” ligadas a dogmas religiosos são defendidas por profissionais como a psicóloga Marisa Lobo, que se intitula contrária à “ideologia de gênero”<sup>83</sup> e favorável a medidas como o Projeto de Lei nº 4931/2016, que faculta aos profissionais de saúde mental a possibilidade de aplicar terapias e tratamentos científicos a pacientes diagnosticados com transtornos de natureza sexual sem que haja sanção dos respectivos órgãos de classe.<sup>84</sup>

### 2.2.3 Marginalização

Nesta seção, a marginalização de indivíduos transgêneros no Brasil será abordada a partir das perspectivas de exclusão e dificuldade de acesso à educação formal e ao mercado de trabalho.

No ano de 2012, Luma Nogueira de Andrade se tornou a primeira mulher transgênera a obter título de doutorado no Brasil. Em sua tese, intitulada “Travestis na escola: assujeitamento, e resistência à ordem normativa”, Andrade examinou a situação de estudantes travestis em escolas no estado do Ceará, criticando a ausência de políticas públicas voltadas à inclusão dessa população tanto nos ambientes de ensino quanto no mercado de trabalho.<sup>85</sup>

---

<sup>82</sup> TRANZFORMED. **Tranzformed: Finding Peace with Your God-Given Gender**. Disponível em: <<https://tranzformed.org/>>. Acesso em: 02 set. 2018.

<sup>83</sup> MARISA LOBO. **Marisa Lobo 7070**. Disponível em: <<https://marisalobo.com.br>>. Acesso em: 14 set. 2018.

<sup>84</sup> BRASIL. **PL 4931/2016**. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2081600>>. Acesso em: 14 set. 2018.

<sup>85</sup> ALMEIDA, Cecília Barreto de; VASCONCELLOS, Victor Augusto. Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo? **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 303-333, ago. 2018, p. 303. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-24322018000200303&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322018000200303&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 nov. 2018.

É notável a sobrerrepresentação da população transgênera em situações de violência e vulnerabilidade econômica e social ao mesmo tempo em que se verifica a subrepresentação desses mesmos indivíduos em espaços como a escola e ambiente de trabalho.<sup>86</sup> Conforme elucida BENTO, a escola não se mostra capaz de lidar com a pluralidade, sendo uma das principais instituições que atuam na manutenção das normas de gênero pautadas na matriz da heterossexualidade. Assim, o ambiente escolar se constitui como um espaço de reprodução de um verdadeiro heteroterrorismo que culmina na expulsão dos indivíduos transgêneros desse local.<sup>87</sup> Questões como o impedimento de acesso ao banheiro, o não reconhecimento do nome social em listas de frequência e a ausência de formação e preparo da comunidade escolar para lidar com a diversidade sexual<sup>88</sup> denotam a transfobia institucional que permeia o ambiente escolar, cujos enquadramentos disciplinares se baseiam nas normas do dispositivo binário de gênero.

Expulsa dos ambientes educacionais, é consequente que a população transgênera seja excluída também do mercado de trabalho formal. Conforme apontam ALMEIDA e VASCONCELLOS, é comum pensar sobre a vulnerabilidade, violência e invisibilidade que afeta os indivíduos transgêneros, mas ainda há poucas abordagens sobre o acesso a direitos, como à educação ou ao trabalho. No Brasil, nota-se que o emprego formal ainda é uma realidade distante para essa população, visto que aproximadamente 90% das mulheres trans e travestis se prostituem. Nesse sentido, a prostituição se constitui como principal fonte de renda para indivíduos que não conseguiram conquistar outros espaços.<sup>89</sup> Para além da ausência de formação profissional, que seria uma das consequências da expulsão do ambiente escolar, o estudo conduzido por ALMEIDA e VASCONCELLOS indica o preconceito transfóbico como o principal elemento que obsta o acesso a empregos formais. Além de não

---

<sup>86</sup> Ibidem, p. 304.

<sup>87</sup> BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 548-559, jan. 2011. ISSN 1806-9584, p. 554-555. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016/19404>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

<sup>88</sup> SILVA, Shirlei Santos de Jesus. Travestis na Escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa, de Luma Nogueira de Andrade. **Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S.l.], v. 1, n. 01, jan. 2018. ISSN 2595-3206, p. 115. Disponível em: <<http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/89>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

<sup>89</sup> ALMEIDA, Cecília Barreto de; VASCONCELLOS, Victor Augusto. Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo?. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 303-333, ago. 2018, p. 307. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-24322018000200303&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322018000200303&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 nov. 2018.

serem compreendidas como homens e mulheres “verdadeiros”, as pessoas transgêneras são associadas a condutas socialmente reprováveis, como o próprio envolvimento com a prostituição e com o tráfico de drogas.<sup>90</sup> Assim, sendo o trabalho um instrumento relevante ao processo de inserção social dos indivíduos, resta que a exclusão da população transgênera do mercado de trabalho formal denota o descumprimento de direitos fundamentais insculpidos na Constituição Federal, além de reforçar a marginalização social dessa população.

#### 2.2.4 Violência física

Em entrevista concedida à Agência Patrícia Galvão em 2015, Judith Butler asseverou que as vidas de indivíduos transgêneros estão sujeitas a um regime de violência legal, sendo corpos vulneráveis a mortes violentas. Assim como as mulheres e os indivíduos *queer*, as pessoas transgêneras configuram um grupo socialmente designado como dispensável e disponível a uma violência letal que resta impune. Nesse sentido, a filósofa argumenta que se tratam de corpos que não possuem condições materiais de ocuparem os espaços públicos como outros grupos, pois estão sujeitos a uma violência que afeta seu direito de ir e vir.<sup>91</sup>

O Brasil é o país que mais registra assassinatos de transgêneros em todo o mundo. Por isso, a socióloga Berenice Bento denomina a nação como o país do transfeminicídio, visando reforçar a noção de que essa violência advém do gênero. Segundo a autora, as mortes desses indivíduos representa uma “*expressão hiperbólica do lugar do feminino*”<sup>92</sup> na sociedade:

Se o feminino representa aquilo que é desvalorizado socialmente, quando este feminino é encarnado em corpos que nasceram com pênis, há um transbordamento da consciência coletiva que é estruturada na crença de que a identidade de gênero é uma expressão do desejo dos cromossomos e dos

<sup>90</sup> Ibidem, p. 311.

<sup>91</sup> AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Judith Butler: “O queer é uma aliança de pessoas em vidas precárias”** Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/judith-butler-o-queer-e-uma-alianca-de-pessoas-em-vidas-precarias/>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

<sup>92</sup> CENTRO LATINO-AMERICANO EM SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS. **Brasil: país do transfeminicídio.** Disponível em: <<http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?cod=11606>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

hormônios. O que este transbordamento significa? Que não existe aparato conceitual, linguístico que justifica a existência das pessoas trans. Mesmo entre os gays, é notório que a violência mais cruenta é cometida contra aqueles que performatizam uma estilística corporal mais próxima ao feminino. Portanto, há algo de poluidor e contaminador no feminino (com diversos graus de exclusão) que precisam ser melhor explorados.<sup>93</sup>

É importante a ressalva de que não se está a afirmar que apenas as mulheres trans e travestis estão sujeitas a esse tipo de violência, visto que homens e indivíduos não-binários também performam o gênero em desconformidade com o dispositivo binário. Não se pode olvidar, no entanto, como as representações do feminino são socialmente desvalorizadas.

Em sua tentativa de categorizar os assassinatos de indivíduos transgêneros, Bento elenca seis recorrências: 1) a motivação da violência não é a sexualidade da vítima, mas sim o gênero. Enquanto as práticas sexuais podem ser ocultadas da sociedade e exercidas na intimidade, o gênero intrinsecamente se manifesta mediante o reconhecimento social; 2) a morte se dá de maneira ritualizada: *“os corpos são mutilados por dezenas de facadas, por inúmeros tiros. Os corpos são desmembrados pelo peso do carro que o atropela várias vezes”*; 3) há uma ausência de processos criminais, o que demonstra a convivência do Estado brasileiro para com esses crimes; 4) são raros os casos em que a família reclama o corpo da vítima, não havendo luto ou melancolia em razão da morte; 5) as identidades de gênero das vítimas não são respeitadas quando a morte é noticiada. Ao ser assassinado, o indivíduo retorna ao gênero que lhe foi socialmente imposto; 6) as mortes ocorrem no período noturno em espaços públicos. Em vista desses fatores, a autora conclui que essas mortes possuem uma função social específica: a espetacularização exemplar. *“Os corpos desfigurados importam na medida em que contribuem para coesão e reprodução da lei de gênero que define que somos o que nossas genitálias determinam.”*<sup>94</sup>

Sendo assim, é imperioso analisar os dados que contabilizam esse tipo de violência no país a fim de verificar as manifestações das recorrências elencadas, bem como significar socialmente a violência letal exercida contra indivíduos transgêneros no Brasil.

---

<sup>93</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>94</sup> Ibidem, loc. cit.

### 3 DADOS SOBRE A VIOLÊNCIA LETAL CONTRA TRANSGÊNEROS NO BRASIL

Desde 2009, a ONG *Transgender Europe (TGEu)* publica relatórios anuais do projeto *Trans Murder Monitoring (TMM)*,<sup>95</sup> que realiza o levantamento de dados sobre a violência letal cometida contra indivíduos transgêneros a nível mundial. A última atualização do Trans Murder Monitoring Project foi publicada em 20 de novembro de 2017, data eleita pela ONG como *Internacional Day of Trans Remembrance (TDoR)*, e contabilizou os assassinatos registrados entre outubro de 2016 e setembro de 2017. Segundo o relatório, o Brasil lidera em números absolutos o *ranking* dos países que mais matam transgêneros no mundo todo, com 171 homicídios registrados. O México, que aparece no segundo lugar do *ranking*, contabilizou 56 assassinatos no mesmo período, menos do que 1/3 do índice brasileiro. Em números relativos, que relacionam o índice populacional dos países ao número de casos notificados, o Brasil ocupa a terceira posição, atrás apenas de Guiana e Honduras.<sup>96</sup> De acordo com as informações do relatório divulgado em 2017, os assassinatos são, em sua maioria, praticados na rua; a maior parte das vítimas tem a prostituição como fonte de renda; as mortes são causadas principalmente por tiros, esfaqueamentos e espancamentos.<sup>97</sup>

Fundado em 1980, o GGB – Grupo Gay da Bahia foi a primeira entidade a reunir dados acerca da matabilidade de membros da comunidade LGBTI+ no Brasil. Desde 2004, o GGB elabora relatórios elencando casos noticiados na mídia ou trazidos a conhecimento da entidade por colaboradores.<sup>98</sup> De acordo com o último relatório anual publicado pelo GGB,<sup>99</sup> em 2017 foram contabilizados 442 assassinatos

<sup>95</sup> TRANSGENDER EUROPE. **Trans Murder Monitoring Archives**. Disponível em: <<https://transrespect.org/en/research/trans-murder-monitoring/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

<sup>96</sup> TRANSGENDER EUROPE. **TMM anual report 2016**, p. 14. Disponível em: <<https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>97</sup> TRANSGENDER EUROPE. **TMM Update Trans Day of Remembrance 2017 - TvT**. Disponível em: <<https://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-remembrance-2017/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

<sup>98</sup> GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório 2004**. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/assassinatos/relatorios/relatorio-2004/>. Acesso em: 01 out. 2018.

<sup>99</sup> GRUPO GAY DA BAHIA. **2017** |. Disponível em: <https://homofobiamata.wordpress.com/2017-2/>. Acesso em: 01 out. 2018.

e suicídios de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros em território nacional.<sup>100</sup>

No tocante à coleta de dados acerca da violência letal exercida especificamente contra indivíduos transgêneros, a ONG Rede Trans Brasil foi pioneira no país<sup>101</sup> – fornecendo, inclusive, subsídio ao relatório desenvolvido pela *TGEU*. Não obstante a relevância do trabalho desenvolvido pelo Grupo Gay da Bahia, a ONG se destacou por apurar casos de violência orientada exclusivamente a pessoas transgêneras. Segundo Tathiane Araújo, presidente da Rede Trans Brasil, os grupos responsáveis por mapear esses dados eram majoritariamente compostos por homens gays cisgêneros, o que representava um obstáculo à contabilização adequada dos episódios devido ao não reconhecimento da verdadeira identidade de gênero das vítimas.<sup>102</sup> Verificava-se, nesse sentido, uma subnotificação de mortes de pessoas transgêneras – em alguns dos casos levantados, mulheres trans e homens trans eram identificadas como gays e lésbicas, respectivamente.<sup>103</sup>

No dossiê *A Geografia dos Corpos das Pessoas Trans*, a Rede Trans Brasil apresenta um mapeamento da violência letal praticada contra essa população no período entre outubro de 2015 e setembro de 2016 com base em casos reportados em meios de comunicação, os quais totalizaram 123 assassinatos,<sup>104</sup> analisando dados específicos como a idade, ocupação, estado civil e etnia das vítimas, tipos de armas utilizados, estados e regiões com maior ocorrência de assassinatos, locais em que os crimes foram praticados e a relação entre o(s) agressor(es) e a vítima.

Outra entidade que também se dedica a contabilizar dados acerca da matabilidade transgênera no Brasil é a ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, que publicou o Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017, documento que também subsidiou os dados do relatório da *TGEU* e que contabilizou 179 assassinatos de transgêneros no país.<sup>105</sup> Assim como o dossiê

<sup>100</sup> Embora o relatório informe 445 assassinatos de membros da comunidade LGBTI+ em 2017, três dos casos reportados ocorreram fora do país e foram contabilizados pelo GGB devido ao fato das vítimas ostentarem nacionalidade brasileira.

<sup>101</sup> NLUCON. **Rede Trans contabiliza pela 1ª vez mortes por transfobia e pedirá intervenção de órgãos internacionais**. Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2016/11/rede-trans-contabiliza-pela-1-vez.html>>. Acesso em: 01 out. 2018.

<sup>102</sup> ISSUU. **Redetransbrasil dossier by Rede Trans Brasil**, p. 47. Disponível em: <[https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil\\_dossier](https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil_dossier)>. Acesso em: 01 out. 2018.

<sup>103</sup> Ibidem, p. 7.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>105</sup> TRANSGENDER EUROPE. **Microsoft Word - TvT\_TMM\_TDoR2017\_Tables\_EN.docx**, p. 5. Disponível em: <[https://transrespect.org/wp-content/uploads/2017/11/TvT\\_TMM\\_TDoR2017\\_Tables\\_EN.pdf](https://transrespect.org/wp-content/uploads/2017/11/TvT_TMM_TDoR2017_Tables_EN.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2018.

da Rede Trans Brasil, o relatório da ANTRA também apresenta informações específicas no que tange aos contextos em que se deram as mortes computadas (índices de assassinatos por estado e região, perfis de vítimas e meios utilizados para causar a morte).<sup>106</sup>

Além do material produzido pela ANTRA e pela Rede Trans Brasil, o IBTE – Instituto Brasileiro Trans de Educação mantém um Observatório de Violência em seu endereço eletrônico, contabilizando não apenas os assassinatos ocorridos no ano de 2018, mas também os casos de agressão física, ameaça e outros tipos de violência transfóbica. O IBTE também contabiliza os óbitos por complicações clínicas decorrentes de aplicação de silicone industrial, suicídios e mortes em circunstâncias ainda não esclarecidas.<sup>107</sup> Segundo os dados apurados, 134 pessoas transgêneras foram assassinadas no Brasil entre 1º de janeiro e 25 de outubro de 2018.<sup>108</sup>

Ao descrever a metodologia empregada na contabilização desses casos, a ANTRA ressalta e critica a ausência de dados oficiais sobre os assassinatos de pessoas transgêneras no Brasil:<sup>109</sup>

Salientamos que não existem dados oficiais sobre os assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil, visto que o governo não se preocupa com essas mortes. E, infelizmente, por sermos as/os mais afetadas/os pela violência e diante do quadro de total descaso do estado, acabamos tendo que assumir o papel de levantar os dados sobre esses assassinatos com a intenção de denunciar tamanha violação dos direitos humanos.

A ANTRA não conta com nenhum apoio para realizar este levantamento, seja no ambiente virtual ou mesmo em loco, em todo o Brasil, em cada município, estado, delegacia, Hospital, IML, etc, exatamente por não contarmos com recursos (financeiros ou materiais) destinados a este fim, bem como pessoal e sem o devido acesso as informações, que muitas vezes são sigilosas e/ou inexistentes.

Há casos em que nenhuma mídia cobre o assassinato, e por conta disso, contamos apenas com relatos de pessoas locais que nos repassam informações. Como vamos identificar um assassinato caso ela não saia na mídia? São casos subnotificados que se perderiam se não fossem nossos informantes locais..

<sup>106</sup> ANTRA. **Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**, p. 5.

Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.

<sup>107</sup> IBTE. **Observatório de Violência**. Disponível em:

<<http://observatoriotrans.org/observat%C3%B3rio-de-viol%C3%Aancia>>. Acesso em: 01 out. 2018.

<sup>108</sup> IBTE. **Assassinatos**. Disponível em: <<http://observatoriotrans.org/assassinatos>>. Acesso em: 01 out. 2018.

<sup>109</sup> ANTRA. **Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**, p. 12.

Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

O levantamento é feito a partir de pesquisa dos dados em matérias de jornais e mídias veiculadas na internet. De forma manual, individual e diária. Há ainda grupos específicos que publicam informações sobre pessoas assassinadas e/ou são enviadas informações através da rede de afiliadas da ANTRA e Rede Nacional de Operadores de Segurança Pública - LGBTI (RENOSP), pelos mais diversos meios e canais de comunicação (Email, Facebook, Whatsapp, etc).

Os dados não seguem um padrão, há muitos casos em que não existe respeito a identidade de gênero das vítimas ou mesmo o nome social.

Assim, ante a inexistência de fontes oficiais que tratem a respeito da temática, os levantamentos realizados por essas entidades de defesa dos direitos da população LGBTI+ são até então as bases de dados mais completas acerca da violência letal transfóbica no país. Adotando a mesma metodologia para a apuração desses casos, JESUS ressalta que<sup>110</sup>

Críticas ao uso de fontes não oficiais são comuns, tanto quanto o reconhecimento de que é possível estudar violência com base em dados decorrentes de notícias (OLIVEIRA, GERALDES, LIMA & SANTOS, 1998). A mídia brasileira é contumaz em reproduzir estereótipos de gênero sobre as mulheres, e especialmente aqueles que desumanizam pessoas transexuais e travestis (JESUS, 2012d). As notícias veiculadas pelos meios de comunicação não são responsáveis pela naturalização da violência, mas oferecem pistas para essa naturalização (SPINK & SPINK, 2006).

Em que pese as diferentes abordagens dos relatórios desenvolvidos pelas entidades mencionadas, todos eles apontam a negligência estatal no combate à violência praticada contra a população transgênera no país, o que se reflete sobretudo na ausência de números oficiais acerca desses assassinatos, contribuindo para a subnotificação dos casos. Cabe ressaltar que tanto a nível nacional quanto internacional, a subnotificação é um obstáculo à devida apuração dos casos de violência contra a população transgênera. Conforme aponta a ONG *Transgender Europe*, os casos registrados nos relatórios mundiais são aqueles que podem ser encontrados através de pesquisas na *Internet* e por meio da cooperação com entidades e ativistas. Tendo em vista que não há produção sistemática de dados sobre assassinatos de pessoas transgêneras em muitos países, é impossível estimar o número de casos não notificados.<sup>111</sup>

<sup>110</sup> JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. **História Agora**, v. 16, n. 2, p.101-123, 2013. Disponível em: <<http://jaquejesus.blogspot.com/2015/08/transfobia-e-crimes-de-odio.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>111</sup> TRANSGENDER EUROPE. **TMM Update Trans Day of Visibility 2017 Press Release - TvT**.



Há, portanto, um objetivo comum aos relatórios: trazer à tona a realidade da violência sofrida por indivíduos transgêneros a fim de cobrar uma resposta dos entes governamentais aos crimes de ódio praticados contra essa população, que se caracteriza como uma minoria de gênero merecedora de *“especial proteção do Estado em razão da transfóbica discriminação que sofre em razão de sua identidade de gênero.”*<sup>112</sup>

No levantamento dos assassinatos de indivíduos transgêneros, é notório que esses crimes são praticados de maneira peculiar e com requintes de crueldade, o que reforça a noção de que se tratam de crimes de ódio. SEFFNER e PASSOS elucidam que

Quando ocorrem, as agressões costumam ser múltiplas, através da utilização de instrumentos que permitem diversas investidas antes da efetiva morte e suas vítimas, sendo tais atos muitas vezes concentrados na região da face e nos órgãos genitais. A violência e a opressão surgem assim como elementos absolutamente presentes no que é dito e vivido por esse grupo.<sup>113</sup>

Vê-se, portanto, que a violência infligida contra os corpos não inteligíveis na lógica do dispositivo binário de gênero apresenta peculiaridades que denotam uma punição em decorrência dessa não adequação ao dimorfismo. Conforme salientado no relatório da ANTRA, essas mortes se dão de maneira extremamente violenta – como se além de matar o corpo, o assassino procurasse também matar a alma da vítima, de modo a *“expurgar de vez a existência trans.”*<sup>114</sup>

Com vistas a exemplificar o fenômeno da matabilidade transgênera no Brasil, seguiremos com a análise de dados gerais acerca de assassinatos registrados entre outubro de 2015 e outubro de 2018, abordando os meios/instrumentos utilizados para causar a morte, os locais nos quais os crimes foram cometidos e a ocupação das vítimas. Em sequência, analisaremos os casos de maior destaque, seja pela

---

Disponível em: <<https://transrespect.org/en/tdov-2017-tmm-update/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

<sup>112</sup> VECHIATTI, Paulo Roberto Iotti. Transfobia e Homofobia como crimes de ódio e a necessidade de sua repressão pelo Estado, **Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**, p. 71. Disponível em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

<sup>113</sup> SEFFNER, Fernando; SILVA PASSOS, Amilton Gustavo. Uma galeria para travestis, gays e seus maridos: Forças discursivas na geração de um acontecimento prisional, **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 23, p. 140-161, ago. 2016, p. 145-146. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sexs/n23/1984-6487-sexs-23-00140.pdf>. Acesso em: 08 out. 2018.

<sup>114</sup> ANTRA. **Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**, p. 8. Disponível em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

peculiaridade da violência empregada ou pela relação entre o criminoso e a vítima. Para o período de outubro de 2015 a setembro de 2016, utilizaremos os dados presentes no dossiê *A Geografia dos Corpos das Pessoas Trans*, da Rede Trans Brasil. Para 2017, tomaremos como base as informações publicadas pela ANTRA no *Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017*. Por fim, para o ano de 2018, recorreremos aos casos contabilizados no Observatório de Violência mantido pelo IBTE em seu endereço eletrônico.

### 3.1 DADOS GERAIS

A maior parte dos casos registrados se dá com a seguinte combinação: travesti assassinada em via pública com emprego de arma de fogo. No que diz respeito ao meio empregado para causar a morte da vítima, a arma de fogo é o instrumento mais utilizado, estando presente em pouco mais de 50% dos casos registrados entre outubro de 2015 e outubro de 2018. De acordo com o levantamento realizado pela Rede Trans Brasil no tocante aos homicídios ocorridos entre outubro de 2015 e setembro de 2016, que contabilizou um total de 123 casos, 66 deles envolveram o emprego de arma de fogo e 31 o uso de arma branca (53,65% e 25,20% dos casos, respectivamente).<sup>115</sup> Dos 179 assassinatos registrados pela ANTRA no ano de 2017,<sup>116</sup> 94 deles (52,5%) foram cometidos mediante o uso de arma de fogo, enquanto 33 (18,4%) registraram o emprego de arma branca.<sup>117</sup> O padrão se mantém em 2018: das 134 mortes contabilizadas neste ano pelo IBTE, 70 delas foram causadas por arma de fogo (52,2%) e 26 causadas por arma branca (19,4%).<sup>118</sup> Ressalta-se, no entanto, que o índice de emprego de arma de fogo nos homicídios de

<sup>115</sup> ISSUU. **Redetransbrasil dossier by Rede Trans Brasil**, p. 58 e 51. Disponível em:

<[https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil\\_dossier](https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil_dossier)>. Acesso em: 04 out. 2018.

<sup>116</sup> ANTRA. **Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**, p. 8.

Disponível em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

<sup>117</sup> GOOGLE MY MAPS. **Assassinatos de Pessoas Trans - (2017) ANTRA**. Disponível em:

[https://www.google.com/maps/d/viewer?ll=-13.072303542292511%2C-](https://www.google.com/maps/d/viewer?ll=-13.072303542292511%2C-42.235565299999996&z=5&mid=1yMKNg31SYjDAS0N-ZwH1jJ0apFQ)

[42.235565299999996&z=5&mid=1yMKNg31SYjDAS0N-ZwH1jJ0apFQ](https://www.google.com/maps/d/viewer?ll=-13.072303542292511%2C-42.235565299999996&z=5&mid=1yMKNg31SYjDAS0N-ZwH1jJ0apFQ). Acesso em: 08 out. 2018.

<sup>118</sup> IBTE. **Assassinatos**. Disponível em: <<http://observatoriotrans.org/assassinatos>>. Acesso em: 08 out. 2018.

transgêneros é inferior à taxa geral de homicídios causados por arma de fogo no Brasil. De acordo dados do *Atlas da Violência de 2018*, publicado pelo IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 71,1% dos homicídios registrados no país em 2016 contaram com o emprego de arma de fogo.<sup>119</sup> Assim, nota-se que o emprego de arma de fogo em homicídios de pessoas transgêneras é cerca de 20% inferior à proporção da totalidade de homicídios cometidos no Brasil.

Dentre outros meios empregados nos crimes que vitimizam indivíduos transgêneros, se destacam os espancamentos, pauladas, apedrejamentos e estrangulamentos. De outubro de 2015 a setembro de 2016, não foi possível descobrir o meio empregado para causar a morte em apenas 4 dos casos (3,25%),<sup>120</sup> índice que aumentou nos anos subsequentes: 10 casos em 2017 (5,6%)<sup>121</sup> e 17 casos em 2018 (12,7%).<sup>122</sup>

No tocante à identidade de gênero das vítimas, os índices são expressivos: o número de assassinatos de mulheres trans/travestis – ou seja, pessoas que performam o gênero feminino não obstante terem sido designadas com o gênero masculino desde o nascimento – é sempre muito maior do que o de homens trans, o que reforça a noção de transbordamento da consciência coletiva frente a encarnação de um feminino socialmente desvalorizado em corpos anatomicamente classificados como masculinos.<sup>123</sup> No período entre outubro de 2015 e setembro de 2016, dos 123 indivíduos vitimados, 113 eram mulheres trans/travestis (91,87%) e apenas 10 eram homens trans (8,13%).<sup>124</sup> A proporção de mulheres trans e travestis aumentou em 2017, com 170 dos casos registrados naquele ano (95%) contra 9 casos (5%) de mortes de homens trans.<sup>125</sup> O crescimento da proporção se repetiu também em 2018:

<sup>119</sup> IPEA. **Atlas da Violência - Atlas 2018**, p. 75. Disponível em:

<<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/9/atlas-2018>>. Acesso em: 08 out. 2018.

<sup>120</sup> ISSUU. **Redetransbrasil dossier by Rede Trans Brasil**, p. 58. Disponível em:

<[https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil\\_dossier](https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil_dossier)>. Acesso em: 08 out. 2018.

<sup>121</sup> GOOGLE MY MAPS. **Assassinatos de Pessoas Trans - (2017) ANTRA**. Disponível em:

<<https://www.google.com/maps/d/viewer?ll=-13.072303542292511%2C-42.23556529999996&z=5&mid=1yMKNg31SYjDAS0N-ZwH1jJ0apFQ>>. Acesso em: 08 out. 2018.

<sup>122</sup> IBTE. **Assassinatos**. Disponível em: <<http://observatoriotrans.org/assassinatos>>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>123</sup> CENTRO LATINO-AMERICANO EM SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS. **Brasil: país do transfeminicídio**. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?cod=11606>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

<sup>124</sup> ISSUU. **Redetransbrasil dossier by Rede Trans Brasil**, p. 66. Disponível em:

<[https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil\\_dossier](https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil_dossier)>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>125</sup> GOOGLE MY MAPS. **Assassinatos de Pessoas Trans - (2017) ANTRA**. Disponível em:

<[https://www.google.com/maps/d/viewer?ll=-13.072303542292511%2C-](https://www.google.com/maps/d/viewer?ll=-13.072303542292511%2C-42.23556529999996&z=5&mid=1yMKNg31SYjDAS0N-ZwH1jJ0apFQ)

das 134 mortes registradas, 130 vitimaram mulheres trans e travestis (97%), sendo que apenas 3 (2,5%) homens trans foram mortos neste ano até então.<sup>126</sup> Um caso específico se destacou neste último período no tocante à identidade de gênero da vítima: o assassinato da estudante Matheusa Passareli Simões Vieira, que possuía identidade de gênero não-binária.<sup>127</sup>

A maior parte das mortes ocorre em vias públicas de localidades urbanas. No período entre outubro de 2015 e setembro de 2016, foram registrados 74 assassinatos (41,3% do total) em vias públicas,<sup>128</sup> e do início de 2018 até outubro do mesmo ano, 63 casos (47% do total).<sup>129</sup> O segundo local onde há mais registros dessas ocorrências é a própria residência das vítimas, contabilizando 29 casos entre outubro de 2015 e setembro 2016 (23,6% do total)<sup>130</sup> e 20 casos em 2018 (15% do total).<sup>131</sup>

Tendo em vista a natureza metodológica adotada por essas entidades no levantamento de casos, por vezes não é possível aferir dados como a idade e ocupação das vítimas. Não obstante essa limitação, as ocorrências nas quais houve êxito em obter informações acerca desses aspectos refletem a alarmante realidade na qual (sobre)vive a população transgênera no Brasil: a baixa expectativa de vida, que segundo o IBGE é de apenas 35 anos (menos da metade da expectativa da população brasileira em geral),<sup>132</sup> e a sistemática exclusão do mercado de trabalho formal, fazendo com que a maioria da população de travestis e mulheres trans recorra à prostituição como meio de subsistência.<sup>133</sup>

---

42.23556529999996&z=5&mid=1yMKNg31SYjDAS0N-ZwH1jJ0apFQ>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>126</sup> IBTE. **Assassinatos**. Disponível em: <<http://observatoriotrans.org/assassinatos>>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>127</sup> UOL. **Matheusa estava fora de si e foi “julgada” antes de ser morta por traficantes**.

Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/05/matheusa-estava-fora-de-si-e-foi-julgada-antes-de-ser-assassinada-por-trafficantes-diz-delegada>>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>128</sup> ISSUU. **Redetransbrasil dossier by Rede Trans Brasil**, p. 62. Disponível em:

<[https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil\\_dossier](https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil_dossier)>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>129</sup> IBTE. **Assassinatos**. Disponível em: <<http://observatoriotrans.org/assassinatos>>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>130</sup> ISSUU. **Redetransbrasil dossier by Rede Trans Brasil**, p. 62. Disponível em:

<[https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil\\_dossier](https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil_dossier)>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>131</sup> IBTE. **Assassinatos**. Disponível em: <<http://observatoriotrans.org/assassinatos>>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>132</sup> BRASIL. Senado Notícias. **Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>133</sup> UNAIDS BRASIL. **Rumo à zero discriminação com travestis e transexuais no mercado de trabalho**. Disponível em: <<https://unids.org.br/2016/01/rumo-a-zero-discriminacao-com-travestis-e-transexuais-no-mercado-de-trabalho/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

No período compreendido entre outubro de 2015 e setembro de 2016, foi possível identificar a idade da vítima em 81 dos 123 casos registrados. Dentre essas ocorrências, 69 das pessoas assassinadas tinham idades entre 14 e 35 anos.<sup>134</sup> No ano de 2017, período no qual não há dados etários em 67 dos casos registrados, foi reportado que 92 das 179 vítimas fatais da violência transfóbica estavam na faixa dos 16 aos 35 anos de idade.<sup>135</sup> Dos 134 assassinatos registrados entre janeiro e outubro de 2018, 63 casos não trazem informações sobre as idades das vítimas, sendo que 56 dos crimes reportados foram cometidos contra indivíduos entre 18 e 35 anos.<sup>136</sup> Assim, quando analisados apenas os casos nos quais é possível identificar dados etários dos indivíduos assassinados, os crimes cometidos contra transgêneros de idade igual ou inferior a 35 anos oscila entre 79% e 85% dos casos.

Nos casos em que foi possível precisar a ocupação/atividade da qual a vítima obtinha renda, a prostituição ocupa o topo das estatísticas: 59,3% dos casos entre outubro de 2015 e setembro de 2016<sup>137</sup> e 70% dos casos no ano de 2017,<sup>138</sup> aproximadamente.<sup>139IV</sup>

Esses dados demonstram que, não obstante a violência à qual estão expostos os indivíduos cuja performatividade de gênero não é inteligível de acordo com as normas do dispositivo binário, parte dessa população apresenta um grau ainda mais acentuado de vulnerabilidade letal, sobretudo as mulheres trans e travestis que ocupam os espaços públicos marginalizados exercendo a atividade de prostituição.

<sup>134</sup> ISSUU. **Redetransbrasil dossier by Rede Trans Brasil**, p. 55. Disponível em:

<[https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil\\_dossier](https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil_dossier)>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>135</sup> GOOGLE MY MAPS. **Assassinatos de Pessoas Trans - (2017) ANTRA**. Disponível em:

<<https://www.google.com/maps/d/viewer?ll=-13.072303542292511%2C-42.23556529999996&z=5&mid=1yMKNg31SYjDAS0N-ZwH1jJ0apFQ>>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>136</sup> IBTE. **Assassinatos**. Disponível em: <<http://observatoriotrans.org/assassinatos>>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>137</sup> ISSUU. **Redetransbrasil dossier by Rede Trans Brasil**, p. 64-65. Disponível em:

<[https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil\\_dossier](https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil_dossier)>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>138</sup> ANTRA. **Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**, p. 18.

Disponível em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>139</sup> Dos casos registrados no Observatório de Violência do IBTE no período de 2018, menos de metade deles traz dados acerca da ocupação das vítimas. Sendo assim, mencionamos apenas os dados oriundos dos levantamentos realizados pela Rede Trans Brasil e pela ANTRA.

### 3.2 CASOS ESPECÍFICOS

Dentre os assassinatos de pessoas transgêneras contabilizados no país nos últimos três anos, o caso da travesti Dandara foi o que mais repercutiu nos principais meios de comunicação devido à brutalidade das agressões e dos diversos meios empregados pelos assassinos para provocar não apenas a morte, mas também para humilhar e torturar a vítima. No dia 15 de fevereiro de 2017, Dandara dos Santos foi cruelmente espancada por diversos homens em uma via pública de Fortaleza, sendo morta com dois tiros de arma de fogo e uma pedrada na cabeça em sequência.<sup>140</sup> O crime gerou comoção em nível internacional, uma vez que as cenas da execução foram registradas em vídeo que posteriormente viralizou nas redes sociais. As imagens mostram a vítima ensanguentada no chão recebendo diversos golpes com pedaços de pau, chutes e ofensas verbais dos agressores. Dandara chegou a ser levada em um carrinho de mão até o local onde seria finalmente assassinada. Ao todo, doze pessoas estariam envolvidas no crime: oito adultos e quatro menores de idade.<sup>141</sup>

A repercussão foi tanta que o Ministério Público do Estado do Ceará ofereceu denúncia em face dos acusados cerca de um mês após o episódio, em 20 de março de 2017.<sup>142</sup> A peça foi recebida no dia seguinte pela juíza Danielle Pontes de Arruda Pinheiro, magistrada titular da 1ª Vara do Júri de Fortaleza. Em 30 de novembro do mesmo ano, o juízo proferiu a decisão de pronúncia, determinando que os réus Francisco José Monteiro de Oliveira Júnior, Jean Victor Silva Oliveira, Rafael Alves da Silva Paiva, Isaías da Silva Camurça e Francisco Gabriel Campos dos Reis fossem a júri popular no dia 05 de abril de 2018 para serem julgados pelos crimes de homicídio triplamente qualificado – motivo torpe, meio cruel e uso de recurso que impossibilitou a defesa da vítima – e corrupção de menores.<sup>143</sup>

<sup>140</sup> G1. **Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diz pesquisa.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

<sup>141</sup> BBC. **Um ano depois, acusados de linchar e matar travesti Dandara vão a julgamento.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43648715>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>142</sup> MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ. **Caso Dandara: cinco réus vão a júri popular.** Disponível em: <<http://www.mpce.mp.br/2018/04/05/caso-dandara-cinco-reus-vao-juri-popular/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>143</sup> TJCE. **Acusados de participação no homicídio de Dandara dos Santos serão levados a júri nesta quinta-feira.** Disponível em: <<https://www.tjce.jus.br/noticias/acusados-de-participacao-no>>.

Com o intuito de afastar a motivação transfóbica do crime, os réus afirmaram que o linchamento não se deu pelo fato de Dandara ser travesti, mas porque a mesma teria sido pega praticando furtos no bairro. Segundo depoimento do réu Francisco Gabriel dos Santos, todo o grupo estaria envolvido com o tráfico de drogas, que era regido pela lei de matar indivíduos que praticavam furtos na região. No entanto, nenhum dos réus soube especificar o que Dandara teria furtado, muito menos quem teriam sido os indivíduos vitimizados pela suposta conduta.<sup>144</sup>

O julgamento foi concluído na madrugada do dia 06 de abril e os cinco réus levados a júri foram condenados a penas de 14 anos e seis meses a 21 anos de reclusão.<sup>145</sup> O réu Júlio César Braga da Costa, que se encontrava foragido, foi julgado cerca de seis meses depois, em 23 de outubro, sendo condenado à pena de 16 anos de reclusão.<sup>146</sup> As declarações de Júlio César durante o julgamento e as informações da promotoria denotam a peculiar perversidade do caso em questão:<sup>147</sup>

Durante o julgamento, Júlio César confessou ter participado do linchamento de Dandara. "Cheguei e me deparei com o acontecimento. Nunca tinha visto a vítima. A população disse que Dandara tava roubando nas proximidades. **Fiquei olhando, não me aguentei e participei do linchamento. Dei dois chutes. Fui até a esquina e depois fui para a minha casa**", relatou.

Ele chegou a se desculpar com a família de Dandara durante o depoimento diante do júri. "Não tive intenção de matar, nem executar. Tinha consciência que tava fazendo mal a ela. Peço desculpas à família. Eu errei", falou.

O promotor Marcus Renan Palácio, do Ministério Público do Ceará (MPCE), **afirma que Júlio César deu dois chutes na cabeça de Dandara e a pegou pelos pés para jogar em cima do carrinho de mão**. [grifos nossos]

Em que pese o caso Dandara haver sido amplamente divulgado na mídia, recebendo célere tutela por parte do Ministério Público e do Poder Judiciário, trata-se

---

homicidio-de-dandara-dos-santos-serao-levados-a-juri-nesta-quinta-feira/>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>144</sup> FOLHA DE S. PAULO. **Cinco são condenados à prisão por morte da travesti Dandara**.

Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/cinco-sao-condenados-a-mais-de-14-anos-de-prisao-por-matar-travesti-no-ceara.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>145</sup> TJCE. **Caso Dandara: julgamento de mais um acusado será na próxima terça-feira**.

Disponível em: <<https://www.tjce.jus.br/noticias/caso-dandara-julgamento-de-mais-um-acusado-sera-na-proxima-terca-feira/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>146</sup> MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ. **Caso Dandara: acusado de participação no crime é condenado a 16 anos de prisão**. Disponível em: <<http://www.mpcce.mp.br/2018/10/23/caso-dandara-acusado-de-participacao-no-crime-e-condenado-16-anos-de-prisao/>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

<sup>147</sup> G1. **Sexto acusado pela morte da travesti Dandara dos Santos recebe pena de 16 anos de prisão**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2018/10/23/sexta-acusado-pela-morte-da-travesti-dandara-dos-santos-recebe-pena-de-16-anos-de-prisao.ghtml>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

de um episódio isolado dentre os vários assassinatos de indivíduos transgêneros registrados no Brasil nos últimos anos. Conforme se verifica do levantamento realizado pelas entidades de defesa dos direitos da população LGBTI+, a maior parte dos homicídios noticiados estampa manchetes de folhetins policiais regionais, por vezes de conteúdo sensacionalista e com poucas informações sobre as circunstâncias desses crimes ou das medidas adotadas pelo Poder Público para apurá-los.

Diante dessa realidade, importa trazer exemplos dessa violência à tona a fim de não apenas expor o grau de vulnerabilidade ao qual essas pessoas estão expostas, mas também com o intuito de analisar as peculiaridades da violência letal sofrida pela população transgênera no Brasil. Para tanto, abordaremos as especificidades de 39 casos registrados entre 2016 e 2018 com base nos seguintes critérios: registros de mortes ritualizadas, crimes praticados por contratantes dos serviços de prostituição das vítimas, casos de violência doméstica e episódios relacionados a questões políticas.

### 3.2.1 Mortes ritualizadas

Nesta seção, serão destacados assassinatos nos quais a morte se deu de maneira ritualizada: *“os corpos são mutilados por dezenas de facadas, por inúmeros tiros. Os corpos são desmembrados pelo peso do carro que o atropela várias vezes.”*<sup>148</sup> Nesses casos, nota-se que a violência empregada pelos agressores excede o nível que seria necessário para causar tão somente a morte da vítima – crimes cometidos com excesso de tiros, múltiplas facadas, emprego de diversos instrumentos no intuito de provocar lesões, desfigurações, mutilações e até mesmo esquartejamentos.

O primeiro caso é o da travesti Cicarelli, de 36 anos, morta na cidade de João Pessoa em 16 de fevereiro de 2016. Conforme consta na reportagem do portal G1, Cicarelli foi assassinada em via pública com mais de 20 facadas, além de ter uma

---

<sup>148</sup> CENTRO LATINO-AMERICANO EM SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS. **Brasil: país do transfeminicídio**. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?cod=11606>>. Acesso em: 08 nov. 2018.



orelha arrancada pelo agressor.<sup>149</sup>

Na madrugada do dia 04 de janeiro de 2017, a travesti L. C. Marinho<sup>150</sup> foi assassinada com 23 facadas dentro de sua casa no município de Nova Cruz, Rio Grande do Norte.<sup>151</sup> A matéria do portal de notícias informa que a vítima era um homem homossexual, mas segundo o levantamento da ANTRA, trata-se de uma travesti.

Em Parintins, Amazonas, a travesti Lady Dayana foi assassinada com 13 golpes de faca na Praça da Onça, também em janeiro de 2017.<sup>152</sup> De acordo com a Polícia Civil, a vítima seria moradora de rua, alcóolatra e tinha a prostituição como fonte de renda.

Uma disputa por ponto de prostituição teria motivado o assassinato da travesti Paola no município de Dourados, Mato Grosso do Sul, no dia 22 de março de 2017. De acordo com as informações da polícia, a vítima teria sido espancada e morta com 17 golpes de faca por um grupo de outras 8 travestis.<sup>153</sup>

Em abril do mesmo ano, o corpo da travesti Morrone foi encontrado totalmente despido e com 18 perfurações nas regiões das costas, peito e rosto, supostamente causadas por uma faca de mesa. O crime ocorreu em Belém do Pará. Embora o portal Diário Online tenha reportado o caso como homicídio de um homem homossexual, a ANTRA afirma se tratar de uma travesti.<sup>154</sup>

Caso similar ocorreu no tocante à morte de pessoa identificada como C.A.F.,

---

<sup>149</sup> G1. **Corpo de travesti morta a facadas é encontrado em João Pessoa.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/02/corpo-de-travesti-morta-facadas-e-encontrado-em-joao-pessoa.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.

<sup>150</sup> Em alguns dos casos noticiados não há dados acerca dos nomes sociais das vítimas, que são identificadas nas matérias jornalísticas mediante seus nomes de registro. Entendendo que a exposição do nome com o qual a vítima foi registrada ao nascer caracteriza um desrespeito à sua identidade de gênero, adotaremos a metodologia empregada pelas entidades Rede Trans Brasil, ANTRA e IBTE, que fazem constar apenas as iniciais dos nomes de registro quando não há dados sobre os nomes sociais.

<sup>151</sup> XUÁ DO AGRESTE. **Homossexual é morto com 23 facadas em Nova Cruz, na madrugada desta quarta feira (4).** Disponível em: <<http://www.xuadoagreste.com.br/2017/01/homossexual-e-morto-com-23-facadas-em.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.

<sup>152</sup> ACRITICA. **Travesti é assassinada com 13 facadas, na Praça da Onça, em Parintins.** Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/hoje/news/travesti-e-assassinada-com-13-facadas-na-praca-da-onca-em-parintins>>. Acesso em: 15 out. 2018.

<sup>153</sup> CORREIO DO ESTADO. **Grupo de oito pessoas mata travesti espancada e com 17 facadas.** Disponível em: <<https://www.correiodoestado.com.br/cidades/dourados/grupo-de-oito-pessoas-mata-travesti-espancada-e-com-17-facadas/300462/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

<sup>154</sup> DIÁRIO ONLINE. **Cabeleireiro é morto a facadas no Marco.** Disponível em: <<http://m.diarioonline.com.br/noticias/policia/noticia-408735-cabeleireiro-e-morto-a-facadas-no-marco.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.

assassinada em janeiro de 2018 na própria residência, na Zona Oeste de Recife. A reportagem informa se tratar de um cabeleireiro homossexual, mas a ANTRA contabilizou o crime como sendo de natureza transfóbica. Segundo a polícia, a vítima teria sofrido ao menos oito facadas na região do pescoço.<sup>155</sup>

Em julho de 2018, a travesti Fernanda da Biz foi assassinada com 20 facadas no município de Rio Brilhante, a pouco mais de 150 km de Campo Grande. Além dos golpes de faca, a vítima teve a cabeça dilacerada por pedras.<sup>156</sup>

Também merecem destaque os casos nos quais houve registro de excesso na quantidade de disparos de arma de fogo. Na manhã do dia 15 de março de 2017, moradores do bairro Cajazeiras IX encontraram o corpo da mulher trans Camila Albuquerque próximo à BR-324. Segundo informações de um policial, a vítima estava com as mãos amarradas e teria levado mais de 15 tiros.<sup>157</sup>

Na Cidade Industrial de Curitiba, uma travesti identificada como Marcossone, de 27 anos de idade, foi assassinada com mais de 25 tiros na madrugada do dia 23 de abril de 2017. Ela teria sido encontrada com um isqueiro e um cachimbo em mãos, o que indica que a vítima era usuária de drogas.<sup>158</sup>

A travesti K. Silva foi assassinada com 27 tiros em Manaus durante a madrugada do dia 13 de fevereiro de 2018. O corpo teria sido jogado jogado perto de um lixão e apresentava sinais de tortura. Além disso, os policiais confirmaram que a vítima estava com a boca amordaçada e as mãos presas com fita adesiva.<sup>159</sup>

Dos homicídios provocados mediante o espancamento da vítima e/ou com

<sup>155</sup> TV JORNAL. **Homem é encontrado morto dentro de casa nos Torrões**. Disponível em: <[https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2018/01/17/cabeleireiro-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-nos-torroes-38130.php?utm\\_medium=social&utm\\_source=whatsapp&utm\\_campaign=social](https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2018/01/17/cabeleireiro-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-nos-torroes-38130.php?utm_medium=social&utm_source=whatsapp&utm_campaign=social)>. Acesso em: 18 out. 2018.

<sup>156</sup> CAMPO GRANDE NEWS. **Travesti é assassinada com 20 facadas em estrada vicinal**. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/travesti-e-assassinada-a-pedradas-e-com-20-facadas-em-estrada-vicinal>>. Acesso em: 18 out. 2018.

<sup>157</sup> INFORME BAIANO. **Mulher encontrada morta com as mãos amarradas em Cajazeiras**. Disponível em: <<https://informebaiano.com.br/26440/policia/mulher-encontrada-morta-com-as-maos-amarradas-em-cajazeiras>>. Acesso em: 15 out. 2018.

<sup>158</sup> BANDA B. **Travesti é brutalmente assassinada com mais de 25 tiros na CIC**. Disponível em: <<https://www.bandab.com.br/seguranca/travesti-e-brutalmente-assassinada-com-mais-de-25-tiros-na-cic/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

<sup>159</sup> PORTAL DO ZACARIAS. **IMAGEM FORTE! Travesti é executado com 27 tiros e corpo é abandonado pelos assassinos no Distrito Industrial 2, na Zona Leste de Manaus**. Disponível em: <<http://portaldozacarias.com.br/site/noticia/imagem-forte--travesti-a-executado-com-27-tiros-e-corpo-a-abandonado-pelos-assassinos-no-distrito-industrial-2--na-zona-leste-de-manaus/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

emprego de instrumentos diferentes de arma de fogo ou arma branca – como pedras ou vigas de madeira, por exemplo –, nota-se uma brutalidade ainda mais acentuada, como nos casos da travesti Hérica Izidoro, do homem trans Carlão e da mulher trans Emanuelle Muniz.

Hérica ficou dois meses internada após ser espancada e jogada de um viaduto por um grupo de homens quando voltava de uma festa em fevereiro de 2017. A vítima perdeu massa encefálica e sofreu traumatismo craniano em decorrência das agressões.<sup>160</sup>

No Rio de Janeiro, Carlão foi encontrado em uma poça de sangue enquanto sofria convulsões devido a um traumatismo craniano. A vítima foi internada já em coma no dia 02 de agosto de 2017. A irmã de Carlão informou à equipe de reportagem do G1 que seu irmão já havia sofrido diversas agressões transfóbicas antes desse episódio.<sup>161</sup>

Após ser vítima de sequestro, Emanuelle Muniz foi encontrada já sem vida pela própria mãe numa estrada rural em Anápolis, município localizado a 55 km de Goiânia, em 26 de fevereiro de 2017. A Polícia Civil informou à reportagem que a pedra utilizada para matar a jovem foi encontrada ao lado de seu corpo.<sup>162</sup>

Verificam-se similaridades também nos assassinatos de Vitória Castro, que faleceu quatro dias após ser agredida com pancadas na cabeça em Araguaína, Tocantins; Larissa, morta a pauladas por 4 indivíduos na Zona Norte de São Paulo;<sup>163</sup> Renata, que já havia sido ameaçada em Uberlândia e também foi morta a pauladas, que ocasionaram o afundamento de seu crânio;<sup>164</sup> Pamella, que teve toda a cabeça

<sup>160</sup> O POVO. **Travesti Hérica Izidoro morre dois meses após agressão**. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/04/travesti-herica-izidoro-morre-dois-meses-apos-agressao.html>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>161</sup> G1. **Transgênero é internado em coma após ataque homofóbico no Rio**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/transgenero-e-internada-em-coma-apos-ataque-homofobico-no-rio.ghtml>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>162</sup> G1. **Mãe encontra corpo de transexual morta a pedradas após sequestro**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2017/02/mae-encontra-corpo-de-transexual-morta-pedradas-apos-sequestro.html>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>163</sup> G1. **Transexual é morta a pauladas por quatro pessoas na Zona Norte de SP**. Disponível em: <[https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/transexual-e-morta-a-pauladas-por-quatro-pessoas-na-zona-norte-de-sp.ghtml?utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=share-bar-smart&utm\\_campaign=share-bar](https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/transexual-e-morta-a-pauladas-por-quatro-pessoas-na-zona-norte-de-sp.ghtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar-smart&utm_campaign=share-bar)>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>164</sup> FOLHA DE S. PAULO. **Travesti é morta a pauladas após sofrer ameaça em Uberlândia, diz PM**. Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1893302-travesti-e-morta-a-pauladas-apos-sofrer-ameaca-em-uberlandia-diz-pm.shtml?utm\\_source=facebook&utm\\_campaign=noticias&utm\\_content=geral](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1893302-travesti-e-morta-a-pauladas-apos-sofrer-ameaca-em-uberlandia-diz-pm.shtml?utm_source=facebook&utm_campaign=noticias&utm_content=geral)>. Acesso em: 19 out. 2018.

desfigurada em decorrência das agressões sofridas;<sup>165</sup> Dominique, cujo corpo foi encontrado num matagal enrolado em um tapete com sinais de violência e sem os dentes;<sup>166</sup> a travesti Marquete, que após quatro dias desaparecida foi encontrada boiando em um rio na zona rural de Altinho, no agreste Pernambucano, completamente despida, com os pés amarrados a uma pedra e com um arame farpado em volta do pescoço.<sup>167</sup>

A morte da travesti Gabriela Ramos, de apenas 19 anos de idade, é um caso chocante e controverso: o corpo foi encontrado na praia da Ponta Negra, em Manaus, no dia 07 de outubro de 2018. Gabriela estava sem os olhos e apresentava o rosto desfigurado. Em análise preliminar, o IML apontou que a morte se deu por afogamento – contudo, os familiares da vítima contestam a versão.<sup>168</sup>

Como já mencionado, há registros de esquartejamentos dos corpos das vítimas em alguns casos: na cidade de Caraguatatuba, litoral norte de São Paulo, uma travesti foi encontrada envolta em um lençol, próximo ao penhasco Buraco da Onça, com o pescoço quase separado do corpo;<sup>169</sup> em Colatina, Espírito Santo, a travesti Anna Carolina foi encontrada completamente despida e decapitada em uma estrada no dia 07 de fevereiro de 2018.<sup>170</sup>

Dos casos levantados, os que parecem apresentar mais requintes de crueldade são aqueles nos quais a violência é exercida também sobre os órgãos genitais e zonas erógenas das vítimas – o que aparentemente endossa a motivação transfóbica desses crimes. No dia 17 de março de 2018, o corpo de uma travesti não

<sup>165</sup> CADA MINUTO. **Travesti é morta a pauladas na zona rural de Craíbas**. Disponível em: <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/317522/2018/03/09/travesti-e-morta-a-pauladas-na-zona-rural-de-craibas>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>166</sup> V9. **Polícia encontra corpo de transexual com sinais de violência enrolado em tapete no Chácaras Tubalina**. Disponível em: <<http://v9vitoriosa.com.br/policia/policia-encontra-corpo-com-sinais-de-violencia-enrolado-em-tapete-no-chacar-as-tubalina/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>167</sup> JEAN NOTÍCIAS. **Homossexual que estava desaparecido é encontrado morto no rio Una, na cidade de AltinhoPE**. Disponível em: <<http://jeannoticiass.blogspot.com/2017/12/jean-noticias-homossexual-que-estava.html>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>168</sup> A CRÍTICA. **Causa da morte de travesti encontrada sem os olhos é contestada por familiares**. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/familia-contesta-afogamento-de-travesti-achada-sem-olhos-na-ponta-negra>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

<sup>169</sup> REPÓRTER LITORAL. **Travesti é assassinado e corpo é encontrado próximo “Buraco da Onça” no Pouso Alto**. Disponível em: <<http://www.reporteronlinelitoral.com.br/press/2017/06/16/travesti-e-assassinada-e-corpo-e-encontrado-proximo-buraco-da-onca-no-pouso-alto/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>170</sup> TRIBUNA ONLINE. **Travesti é encontrada morta em Colatina**. Disponível em: <<http://www.reporteronlinelitoral.com.br/press/2017/06/16/travesti-e-assassinada-e-corpo-e-encontrado-proximo-buraco-da-onca-no-pouso-alto/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

identificada foi encontrado boiando na Praia do Barão, localizada na Ilha do Governador. Além de estar amarrado com cordas, o corpo apresentava sinais de tiros e mutilações, *incluindo a retirada dos seios*.<sup>171</sup> Em julho de 2017, a travesti Lola foi encontrada morta no estacionamento de um supermercado localizado no município de Sorriso, Mato Grosso. A vítima estava de bruços e apresentava ferimentos no rosto e perfurações pelo corpo. Embora haja indícios de latrocínio, uma chave de fenda ensanguentada foi encontrada ao lado do corpo – ao que tudo indica, a ferramenta em questão foi introduzida pelo agressor no ânus da travesti.<sup>172</sup> Tiffany Rodrigues, que já havia sofrido uma tentativa de homicídio com um tiro na boca no início de 2016, foi assassinada em agosto daquele ano no município de Alta Floresta, também no estado do Mato Grosso.<sup>173</sup> O corpo foi encontrado em uma fazenda e apresentava sinais de tortura e enforcamento, além de contar com queimaduras de cigarro nos órgãos genitais.<sup>174</sup>

### 3.2.2 Crimes praticados por contratantes de serviços de prostituição

Tendo em vista que a maior parte da população transgênera no Brasil – sobretudo indivíduos cuja performance de gênero está atrelada a signos de feminilidade – exerce a atividade da prostituição como principal fonte de renda,<sup>175</sup> é esperado que boa parte dos casos registrados digam respeito a homicídios praticados por indivíduos que contratam esses serviços sexuais.

Em critérios gerais, a prostituição é uma atividade de alto risco, pois “*Ao pagar*

<sup>171</sup> O DIA. **Corpo de homem é encontrado na Ilha do Governador com sinais de mutilação.**

Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/03/5523276-corpo-de-homem-e-encontrado-na-ilha-do-governador-com-sinais-de-tortura.html>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>172</sup> GC NOTÍCIAS. **Travesti é morta com requintes de crueldade em MT.** Disponível em: <<http://www.gcnoticias.com.br/policia/travesti-e-morta-com-requintes-de-crueldade-em-mt/41953136>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>173</sup> G1. **‘Era cheia de sonhos’, diz mãe de travesti assassinada em cidade de MT.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/08/era-cheia-de-sonhos-diz-mae-de-travesti-assassinada-em-cidade-de-mt.html>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>174</sup> ISSUU. **Redetransbrasil dossier by Rede Trans Brasil**, p. 59. Disponível em: <[https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil\\_dossier](https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil_dossier)>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>175</sup> ANTRA. **Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**, p. 18. Disponível em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018

*pelo sexo oferecido por mulheres que exercem a prostituição, o homem passa a tratá-las como uma mercadoria de sua propriedade, submetidas à vontade do dono, que pode, inclusive, matá-las.*<sup>176</sup> Se mesmo para as mulheres cisgêneras – ou seja, aquelas cuja performatividade de gênero se dá em conformidade com o dispositivo binário – a prostituição já caracteriza uma atividade que implica um grau mais elevado de exposição ao homicídio, essa vulnerabilidade se acentua ainda mais quando se tratam de corpos desviantes das normas de gênero exercendo a prostituição. Se prostitutas cisgêneras são “*as mulheres de morte fácil*” – maior risco de assassinato e menor interesse da sociedade na elucidação desses crimes<sup>177</sup> –, prostitutas transgêneras seriam “*as mulheres de morte ainda mais fácil.*”

Após encontrar a travesti Jéssica Dimy, de 23 anos, para um programa sexual em São Gonçalo, Fábio Barreto da Silva tentou asfixiá-la com um lençol. Enquanto a vítima estava desacordada, Fábio ateou fogo no quarto de hotel onde os dois estavam e trancou a porta do cômodo.<sup>178</sup> Encontrada no local do crime com 50% do corpo queimado, a travesti foi encaminhada ao Hospital Estadual Alberto Torres, onde ficou internada durante aproximadamente quatro meses até falecer em decorrência de uma parada cardíaca no dia 08 de dezembro de 2017.<sup>179</sup>

As mortes de Barbara Mendes e Laysla Oliveira também foram provocadas por clientes. Segundo testemunhas, Barbara desceu de um carro preto e começou a correr antes de ser alvejada por tiros pelo indivíduo com quem teria acabado de fazer um programa no centro de João Pessoa em outubro de 2017.<sup>180</sup> Laysla, por sua vez, foi morta por um cliente em um quarto de motel na cidade de Ribeirão Preto no dia 18 de fevereiro de 2018. A vítima foi encontrada caída e com marcas de pancadas na cabeça. De acordo com dados do boletim de ocorrência, um homem que aparentava estar perturbado e com as roupas sujas de sangue passou pela recepção e foi embora

<sup>176</sup> MENEGHEL, Stela Nazareth, et al. Femicídios: narrativas de crimes de gênero. **Interface (Botucatu)**, v. 17, n. 46, p. 523-33, jul./set. 2013, p. 529. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/icse/2013.v17n46/523-533/pt>>. Acesso em: 19 out. 2018.

<sup>177</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>178</sup> EXTRA. **Polícia identifica homem que incendiou quarto com travesti dentro, em São Gonçalo**. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/policia-identifica-homem-que-incendiou-quarto-com-travesti-dentro-em-sao-goncalo-21694998.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>179</sup> O DIA. **Morre travesti que foi espancada e teve corpo queimado em São Gonçalo**. Disponível em: <[https://odia.ig.com.br/\\_conteudo/rio-de-janeiro/2017-12-08/morre-travesti-que-foi-espancada-e-teve-corpo-queimado-em-sao-goncalo.html](https://odia.ig.com.br/_conteudo/rio-de-janeiro/2017-12-08/morre-travesti-que-foi-espancada-e-teve-corpo-queimado-em-sao-goncalo.html)>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>180</sup> G1. **Travesti é morta a tiros por cliente após programa no Centro de João Pessoa**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/travesti-e-morta-a-tiros-por-cliente-apos-programa-no-centro-de-joao-pessoa-diz-pm.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2018.

após bater com o carro no portão do motel.<sup>181</sup>

Em caso similar ao de Laysla, Cleide Aládio Zaramarine Neto foi espancada por um cliente em um motel, localizado no município de Itaberaí, Goiás. A reportagem traz, no entanto, dados que demonstram um maior grau de brutalidade no caso em comento, visto que a agressão teria sido motivada pelo fato do cliente descobrir que se tratava de uma mulher transgênera que não havia se submetido à cirurgia de redesignação sexual quando ambos já estavam no motel, supostamente prestes a iniciar o programa sexual. Devido à quantidade de sangue encontrada no quarto, aventou-se a hipótese de que a vítima teria sido morta a facadas. Entretanto, os laudos do Instituto Médico Legal apontaram “apenas” o espancamento.<sup>182</sup>

### 3.2.3 Violência doméstica

A violência doméstica contra a mulher é um fenômeno que se constitui a partir da naturalização das desigualdades entre os sexos, fruto de uma organização hierárquica das relações sociais que preza pelo domínio do masculino sobre o feminino.<sup>183</sup> Nota-se, entretanto, que a violência doméstica praticada contra mulheres trans e travestis apresenta facetas distintas daquelas vivenciadas por mulheres cisgêneras. Se os corpos que performam o gênero feminino em conformidade com o dispositivo binário já estão expostos a esse tipo de violência em decorrência do dominação masculina, é consequente que os corpos desviantes dessas normas estejam sujeitos a níveis mais complexos de opressão. Sendo assim, a análise dessa violência deve se dar imprescindivelmente sob o enfoque da interseccionalidade.

Nesta seção, abordaremos os casos nos quais mulheres trans e travestis

---

<sup>181</sup> G1. **Travesti é morta em quarto de motel em Ribeirão Preto, SP**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/travesti-e-morta-em-quarto-de-motel-em-ribeirao-preto-sp.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>182</sup> O HOJE. **Suspeito de matar mulher transexual em motel é preso em Aparecida**. Disponível em: <<http://ohoje.com/noticia/cidades/n/147786/t/suspeito-de-matar-mulher-transexual-em-motel-e-preso-em-aparecida>>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>183</sup> LUCENA, Kerle Dayana Tavares de et al. Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 139-146, 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822016000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822016000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 out. 2018.

foram assassinadas por homens com os quais mantinham relacionamento afetivo-sexual. Embora minoritários na totalidade das ocorrências apuradas, a análise desses casos é importante para demonstrar semelhanças e diferenças entre as violências sofridas por mulheres cisgêneras e mulheres transgêneras.

É possível verificar similaridades em relação à violência doméstica praticada contra mulheres cisgêneras nos assassinatos de Lohane, Daniela e Abya Passos, que teriam sido motivados por ciúmes dos companheiros das vítimas. Após uma discussão motivada por ciúmes, o namorado de Lohane a atingiu com uma faca na região do pescoço.<sup>184</sup> O corpo de Daniela foi encontrado com hematomas no rosto causados por objeto contundente, além de cortes no braço causados por instrumento perfuro-cortante. A família de Daniela informou à polícia que a vítima já havia sido agredida pelo companheiro em outras ocasiões.<sup>185</sup> Já a travesti Abya Passos foi morta a facadas dentro de uma boate após seu companheiro tomar conhecimento de que o ex-marido da vítima estava na cidade.<sup>186</sup>

Por outro lado, as mortes de Thalia Costa e D. se deram em circunstâncias que dizem respeito especificamente à performatividade de gênero desviante das vítimas. O corpo de Thalia foi encontrado às margens do Rio Uruguai, em São Borja, após a vítima ser morta com garrafadas pelo jogador de futebol Douglas Gluszzak Rodrigues, com quem mantinha um relacionamento. Douglas confessou a autoria e a motivação do crime à polícia, alegando que os dois haviam discutido porque Thalia queria divulgar fotos do casal em redes sociais, o que ele não admitia.<sup>187</sup> A travesti D., por sua vez, foi encontrada morta às margens de uma rodovia em Jundiá. Segundo informações do Instituto Médico Legal, D. sofreu traumatismo craniano em decorrência de golpes na cabeça. Testemunhas informaram que D. estava voltando

---

<sup>184</sup> A CIDADE DE VERDADE. **Em Governador Newton Bello: travesti é assassinada por companheiro, após crise de ciúmes.** Disponível em: <<http://www.acidadeverdade.com.br/2018/01/em-governador-newton-bello-travesti-e.html?m=1>>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>185</sup> G1. **Travesti de 17 anos é morta na BA; homem que mantinha relacionamento com a vítima confessa crime e alega ciúmes.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/travesti-de-17-anos-e-morta-na-ba-homem-que-mantinha-relacionamento-com-vitima-confessa-e-alega-ciumes.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>186</sup> G1. **Travesti é morta a facadas dentro de boate em MT e o suspeito é o namorado, diz polícia.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/09/18/travesti-e-morta-a-facadas-dentro-de-boate-em-mt-e-suspeito-e-o-namorado-diz-policia.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>187</sup> GAÚCHA ZERO HORA. **Transexual é assassinada por jogador de futebol em São Borja.** Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/06/transexual-e-assassinada-por-jogador-de-futebol-em-sao-borja-cjiocy2s0idu01qoz65qnh5h.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.



para casa a pé depois de um show de forró quando recebeu a oferta de uma carona. A vítima teria conversado cerca de 10 minutos com o motorista e depois embarcado no veículo horas antes de ser encontrada já sem vida. O reconhecimento do corpo se deu pelas roupas que a vítima trajava, uma vez que seu rosto estava irreconhecível em decorrência das agressões.<sup>188</sup> D. mantinha um relacionamento com a pessoa de Marcos Vinícius, que se apresentou à Polícia Civil confessando a autoria do crime. Marcos alegou que houve uma discussão e que a vítima teria partido para cima dele, o que o levou a se defender de uma possível agressão. A briga teria sido motivada pelo desconforto que Marcos Vinícius sentia em relação às abordagens de D., que uma semana antes havia encomendado um bolo de aniversário para ele, entregando o presente enquanto Marcos estava bebendo na companhia de amigos. O crime foi classificado como passional pela polícia em vista do relacionamento que o agressor mantinha com a vítima e que preferia manter em segredo.<sup>189</sup>

Os casos de Thalia e D. são peculiares por demonstrarem mais uma das diversas facetas da transfobia: o receio que homens cisgêneros possuem da ridicularização social decorrente do fato de se relacionarem com travestis e mulheres trans.

### 3.2.4 Assassinatos de cunho político

O contexto de extrema polarização política no Brasil decorrente da eleição presidencial de 2018 ensejou diversas manifestações populares, com destaque para o movimento #EleNão – que foi, segundo especialistas, a maior manifestação de mulheres da história do Brasil<sup>190</sup> – e para as manifestações antifascistas em universidades – incluindo a Faculdade de Direito da UFPR, que ostentou em sua sede

---

<sup>188</sup> YOUTUBE. **Polícia investiga morte misteriosa de travesti**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fiVXuQp0SC0>>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>189</sup> YOUTUBE. **Homem confessa assassinato de travesti depois de rejeitá-lo**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=M9i\\_axMP\\_rM](https://www.youtube.com/watch?v=M9i_axMP_rM)>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>190</sup> BBC. **#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

histórica uma faixa com os dizeres “DIREITO UFPR ANTIFASCISTA”.<sup>191</sup>

Lamentavelmente, o período entre o primeiro e o segundo turno da eleição registrou uma série de ataques violentos praticados por indivíduos que se declararam apoiadores de um dos candidatos ao pleito, os quais vitimizaram principalmente pessoas pertencentes a minorias políticas. O primeiro homicídio registrado foi o do mestre de capoeira Moa do Katendê, ocorrido em Salvador no dia 08 de outubro de 2018, apenas um dia após a votação do primeiro turno. Após declarar que votaria em um dos candidatos à presidência, Mestre Moa foi assassinado com 12 facadas por um homem que se identificou como eleitor do candidato opositor.<sup>192</sup>

As travestis Priscila e Laysa Fortuna também foram mortas em contextos similares. Em 16 de outubro de 2018, Priscila foi morta a facadas depois de uma briga em frente a um bar localizado no Largo do Arouche, centro da cidade de São Paulo. Segundo o relato de duas testemunhas, os indivíduos envolvidos ofendiam verbalmente a vítima e gritavam o nome de um dos candidatos e “ele sim!” durante a discussão que precedeu o ataque.<sup>193</sup> Em Aracaju, a travesti Laysa Fortuna morreu no dia 19 de outubro de 2018 em razão de um atentado sofrido no dia anterior. De acordo com testemunhas, Laysa e alguns amigos foram ameaçados por um homem, que teria dito que “quando [nome do candidato] for eleito, todas vocês serão assassinadas.” O sujeito em questão teria retornado ao local onde Laysa estava por volta das 22h do dia 18 de outubro e desferido uma facada no tórax da travesti. A vítima foi encaminhada ao hospital e acabou morrendo no dia seguinte em face de complicações.<sup>194</sup>

Não é possível dissociar as mortes de Priscila e Laysa dos discursos de ódio propagados durante a campanha eleitoral de 2018. Nesse contexto, verificou-se que

---

<sup>191</sup> BEM PARANÁ. **Alunos de direito da UFPR aderem ao movimento contra o fascismo.** Disponível em: <<https://www.bemparana.com.br/noticia/alunos-de-direito-da-ufpr-aderem-ao-movimento-contra-o-fascismo>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

<sup>192</sup> G1. **Mestre de capoeira é morto a golpes de faca após discussão política na BA; suspeito se escondeu em banheiro e foi preso.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2018/10/08/idoso-morre-a-golpes-de-facas-apos-discussao-politica-na-ba-suspeito-se-escondeu-em-banheiro-e-foi-preso.ghtml>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

<sup>193</sup> G1. **Travesti é morta a facadas durante briga em bar no Centro de São Paulo.** Disponível em: <[https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/10/16/travesti-e-morta-a-facadas-durante-briga-em-bar-no-centro-de-sp.ghtml?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=sptv&utm\\_content=post](https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/10/16/travesti-e-morta-a-facadas-durante-briga-em-bar-no-centro-de-sp.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=sptv&utm_content=post)>. Acesso em: 04 nov. 2018.

<sup>194</sup> NLUCON. **Mulher transexual Laysa Fortuna é esfaqueada em Aracaju (SE) e morre aos 25 anos.** Disponível em: <<https://nlucon.com/2018/10/20/mulher-transexual-laysa-fortuna-e-esfaqueada-em-aracaju-se-e-morre-aos-25-anos/>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

determinados candidatos adotaram posturas capazes de incitar o ódio contra minorias em alguns de seus apoiadores, que passaram a se sentir autorizados a praticar atos de violência contra esses grupos vulneráveis.

#### 4 A NECROPOLÍTICA DA TRANSGRESSÃO

Por engano, vingança ou cortesia  
Tava lá, morto e posto, um *desregrado*  
Onze tiros fizeram a avaria  
E o morto já tava conformado

Onze tiros e *não sei porque tantos*  
Esses tempos não tão pra ninharia  
*Não fosse a vez daquele, um outro ia*

Deus o livre morresse assassinado  
Pro seu santo não era um qualquer um  
Três dias num terreno abandonado  
Ostentando onze fitas de Ogum

Quantas vezes se leu nessa semana  
Essa história contada assim por cima  
A verdade não rima

A música “Onze Fitas”, composta por Fátima Guedes na década de 70 e popularizada na voz de Elis Regina, retrata o cotidiano de violência nos grandes centros urbanos do Brasil. Em que pese a canção não indique um sujeito determinado como vítima dessa violência, o eu-lírico faz uma relevante escolha terminológica quando se refere ao morto em questão: trata-se de um *desregrado*.

Conforme já exposto anteriormente neste trabalho, o fenômeno da transgeneridade se consubstancia em uma experiência identitária de transgressão às regras que determinam a inteligibilidade social do gênero. Sendo assim, parece cabível afirmar que são *desregrados* os indivíduos cuja performatividade não se adequa ao dispositivo binário de gênero.

Dentre todos os possíveis significados para a narrativa de “Onze Fitas”, entendemos pertinente relacionar a obra aos diversos casos de violência contra pessoas transgêneras previamente expostos, sobretudo no que diz respeito ao excesso da violência empregada (“*onze tiros e não sei porque tantos*”), ao caráter trivial dessa violência, que irremediavelmente atingiria algum outro indivíduo caso “*não fosse a vez daquele*”, e à banalidade da morte em si, “*essa história contada assim por cima*”. Não se pode deixar de perceber, inclusive, as semelhanças entre o lirismo de Fátima Guedes e as recorrências identificadas por Berenice Bento em casos de transfeminicídio, sobretudo a maneira como a morte é ritualizada com onze tiros e como a vítima não é passível de luto, sendo abandonada por três dias num terreno abandonado.

BUTLER trata da violência como o meio pelo qual os seres humanos são formados. Gêneros e outras categorias sociais são impostas aos indivíduos contra sua vontade, conferindo-lhes inteligibilidade ou condições de serem reconhecidos. Se é assim, essas categorias também informam quais podem ser os riscos sociais de uma ausência de inteligibilidade ou mesmo de uma inteligibilidade parcial.<sup>195</sup> Cabe rememorar, nesse sentido, que os gêneros inteligíveis são aqueles que encontram correspondência na matriz heterossexual, pautada no dualismo mulher-vagina-feminino e homem-pênis-masculino.

A não inteligibilidade do gênero de um corpo pressupõe, portanto, determinados riscos sociais. Conforme já exposto neste trabalho, a experiência da transgeneridade é cercada de uma série de reações sociais que tornam esses indivíduos extremamente vulneráveis à violência e à morte, como a hipersexualização e a objetificação, a patologização e a exclusão das instituições de ensino e do mercado de trabalho formal. Questiona-se, contudo, que tipo de poder contribui para os processos de produção dessas mortes, sobretudo no contexto político-social do Brasil. Para tanto, buscaremos a compreensão desse fenômeno sob a ótica dos marcos teóricos de condição de vida precária e de necropolítica, conceitos desenvolvidos pelos filósofos Judith Butler e Achille Mbembe, respectivamente.

#### 4.1 VIDAS PRECÁRIAS E VIDAS PASSÍVEIS DE LUTO

Partindo de uma análise das guerras contemporâneas, BUTLER advoga a necessidade de adoção de uma nova ontologia corporal que se refira ao ser do corpo como alguém *“que está sempre entregue a outros, a normas, a organizações sociais e políticas que se desenvolveram historicamente a fim de maximizar a precariedade para alguns e minimizar a precariedade para outros.”*<sup>196</sup> Tendo em vista que os corpos são constituídos em um contexto de significações sociais, a ontologia do corpo é antes

---

<sup>195</sup> BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: Quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 236.

<sup>196</sup> Ibidem, p. 14-15.

uma ontologia social.<sup>197</sup>

Nesse sentido, a apreensão da precariedade de um corpo se traduz na potencialização da violência direcionada a um determinado grupo de pessoas, cuja vulnerabilidade física *“incita o desejo de destruí-las.”*<sup>198</sup> A autora assinala que, apesar de todas as vidas serem inerentemente precárias, há determinadas populações que são expostas a uma condição de precariedade – formas peculiares de vulnerabilidade e violência – por não gozarem de redes de apoio social, político e econômico.<sup>199</sup> Os arranjos sociais operam, portanto, numa distribuição diferencial da condição de precariedade, situando determinadas figuras vivas fora das normas da vida.<sup>200</sup>

A precariedade é sublinhada quando se afirma que uma vida pode ser lesada, perdida, destruída ou negligenciada até a morte, o que demonstra como a manutenção da vida como tal carece da observância de várias condições sociais e econômicas. Assim, é certo que *“a precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro.”*<sup>201</sup> Logo, a manutenção da vida depende não apenas de um impulso interno, mas de condições sociais e políticas<sup>202</sup> adequadas, uma vez que a noção de precariedade implica uma sujeição a condições sociais capazes de viabilizar essa vida.<sup>203</sup>

O que torna possível a apreensão de uma vida como precária é a possibilidade de que sua perda tenha importância, ou seja, a apreensão da condição de que essa vida seja passível de luto. A vida surge e é mantida, portanto, a partir da condição de ser enlutada. Sem esse pressuposto, não há vida; pode haver uma figura viva ou algo que está vivo, mas que não é reconhecido enquanto uma vida.<sup>204</sup>

Ao pugnar pelo caráter social da ontologia dos corpos, BUTLER ressalta que os modelos de apreensão de outras vidas são em si mesmos operações de poder. Quando se questiona o que é o “ser” da vida, não é possível referenciá-lo como um elemento alheio às operações de poder, sendo necessário *“tornar mais precisos os mecanismos específicos de poder mediante os quais a vida é produzida.”*<sup>205</sup> É essa

---

<sup>197</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>198</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>199</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>200</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>201</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>202</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>203</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>204</sup> Ibidem, p. 32-33.

<sup>205</sup> Ibidem, p. 14.

ressalva que norteia, inclusive, a crítica da filósofa às vertentes identitárias que lutam pela emancipação política de grupos sociais marginalizados.<sup>206</sup>

Se certas vidas são consideradas merecedoras de existência, de proteção e passíveis de luto e outras não, então essa maneira de diferenciar as vidas não pode ser entendida como um problema de identidade nem sequer de sujeito. **Trata-se, antes, de uma questão de como o poder configura o campo em que os sujeitos se tornam possíveis ou, na verdade, como eles se tornam impossíveis.** E isso implica uma prática crítica de pensamento que se recusa a aceitar sem discutir o enquadramento da luta identitária que pressupõe que os sujeitos já existem, que ocupam um espaço público comum e que suas diferenças podem ser reconciliadas se tivermos ferramentas adequadas para uni-los. A questão é, na minha opinião, mais *extrema* e exige um tipo de análise capaz de colocar em xeque o enquadramento que silencia a pergunta de quem conta como “quem” – em outras palavras, a ação compulsória da norma ao circunscrever uma vida passível de luto. [grifos nossos]

A afirmação de que a vida é produzida por mecanismos específicos de poder manifesta a vinculação de Butler às teorizações de Michel Foucault, especificamente no que diz respeito ao conceito de biopoder. Sendo assim, é pertinente tratar das formulações foucaultianas sobre o biopoder e a biopolítica a fim de averiguar se tratam-se de aportes teóricos adequados e suficientes para tratar da problemática da matabilidade de indivíduos transgêneros no Brasil.

## 4.2 DO BIOPODER AO NECROPODER

A microfísica do poder é um dos principais conceitos da obra de Michel Foucault. Para o filósofo francês, o corpo é a realidade política por excelência: é através do corpo que o poder se legitima e se atualiza; o poder é sempre visto a partir de sua incidência sobre os corpos.<sup>207</sup>

A “*assunção da vida pelo poder*” e a “*estatização do biológico*” são descritos por FOUCAULT como fenômenos fundamentais do século XIX, os quais provocaram uma importante transformação no direito político. Se antes a teoria clássica

<sup>206</sup> Ibidem, p. 231-232.

<sup>207</sup> HILÁRIO, Leomir Cardoso. Da Biopolítica à Necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 194-210, jun. 2016. ISSN 2177-6342, p. 198. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2016v7n13p194>>. Acesso em: 30 out. 2018.

estabelecia que o soberano dispunha do direito de fazer morrer e deixar viver, a nova tecnologia do poder na modernidade pressupõe uma espécie de “inversão” nessas prerrogativas: o fazer viver e o deixar morrer.<sup>208</sup> Assim, a tecnologia do biopoder se ocupa de implementar mecanismos reguladores e previdenciários visando a manutenção de um equilíbrio, a fim de otimizar a vida em face de suas eventualidades. Assim como os mecanismos disciplinares, o biopoder busca extrair e maximizar as forças, mas não sobre os sujeitos, e sim sobre a multiplicidade dos indivíduos, utilizando-se de mecanismos globais de regulamentação.<sup>209</sup>

A manifestação do biopoder surge com a progressiva desqualificação do fenômeno da morte. Antes símbolo do poder soberano, a morte é transferida ao âmbito privado devido à transformação das tecnologias do poder ocorridas a partir do séc. XIX, as quais instituem uma gestão calculista da vida.<sup>210</sup> Assim, na biopolítica, a morte se constitui como o momento no qual o indivíduo escapa ao poder, uma vez que o mesmo é direcionado ao fazer viver, à própria maneira de viver,<sup>211</sup> sendo a vida, e não mais a morte, o elemento que garante o acesso do poder aos corpos. Entretanto, Foucault assevera que as tecnologias da disciplina dos corpos e da regulamentação da vida não são excludentes, pois dialogam entre si<sup>212</sup> – nesse sentido, o poder de morte se constitui como uma categoria complementar ao poder exercido positivamente sobre a vida.<sup>213</sup>

Ao abordar como ocorre o exercício do poder de morte num sistema político centrado no biopoder, Foucault traz à tona o conceito de racismo, o qual promoveria um “*corte no domínio da vida da qual o poder se incumbiu*”, separando os indivíduos entre os que devem viver e os que devem morrer. Esse racismo de Estado estabeleceria entre a vida de um indivíduo e a morte de outro uma relação de caráter biológico, na qual os inimigos não são os adversários políticos, mas sim os que ameaçam a população.<sup>214</sup>

---

<sup>208</sup> FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 286.

<sup>209</sup> Ibidem, p. 293.

<sup>210</sup> Idem, **História da Sexualidade 1**: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 150.

<sup>211</sup> Idem, **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 295-296.

<sup>212</sup> Ibidem, p. 299.

<sup>213</sup> Idem, **História da Sexualidade 1**: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 147.

<sup>214</sup> Idem, **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins



A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura.<sup>215</sup>

Assim, o autor ressalta que o exercício do direito de matar por parte do poder de normalização passa, necessariamente, pelo conceito de racismo – não o racismo propriamente étnico, mas o racismo do tipo evolucionista/biológico, aplicado também nos estados socialistas contra doentes mentais, criminosos e adversários políticos.<sup>216</sup> Sendo assim, o racismo necessariamente irromperia nos pontos em que o direito à morte é requerido, assegurando a função de morte na economia do biopoder, o que caracteriza a utilização do poder soberano por parte do Estado.<sup>217</sup>

Entretanto, conforme apontado pelo historiador italiano Domenico Losurdo, as teorizações de Foucault acerca do biopoder e do surgimento do racismo de Estado permanecem atreladas apenas à realidade do continente europeu, ignorando o colonialismo e a ideologia colonial.<sup>218</sup> Autores centrados em estudos pós-coloniais dão continuidade a essa crítica, questionando se as contribuições do filósofo francês seriam suficientes para tratar da problemática dos dispositivos necro-tanatológicos e dos poderes atuantes na contemporaneidade.<sup>219</sup>

A noção foucaultiana do biopoder como desqualificação do fenômeno da morte em detrimento de uma administração dos corpos e gestão calculista da vida se insere num contexto eurocêntrico de expansão e ascensão do capitalismo, cuja exigência de produção incessante de mercadorias requer a docilidade política e utilidade produtiva dos corpos. O poder disciplinar é um poder de vida, e a ele interessam corpos vivos e potencializados, capazes de se inserirem no aparelho produtivo. Busca-se, portanto, o ajuste da população aos processos econômicos.<sup>220</sup>

---

Fontes, 1999, p. 303-306.

<sup>215</sup> Ibidem, p. 305.

<sup>216</sup> Ibidem, p. 313.

<sup>217</sup> Ibidem, p. 306.

<sup>218</sup> HILÁRIO, Leomir Cardoso. Da Biopolítica à Necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 194-210, jun. 2016. ISSN 2177-6342, p. 196-197. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2016v7n13p194>>. Acesso em: 30 out. 2018.

<sup>219</sup> CARAVACA-MORERA, Jaime Alonso; PADILHA, Maria Itayra. Necropolítica Trans: diálogos sobre dispositivos de poder, morte e invisibilização na contemporaneidade. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e3770017, 2018, p. 2. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072018000200326&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000200326&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 nov. 2018.

<sup>220</sup> HILÁRIO, Leomir Cardoso. Da Biopolítica à Necropolítica: variações foucaultianas na periferia do

Tudo isso ocorre, contudo, em um arranjo econômico-social cuja manutenção exige a produção de vida em larga escala. A lógica do biopoder deixa de fazer sentido a partir do momento em que a vida não é mais um elemento indispensável ao modo de produção vigente. Nesse sentido, HILÁRIO promove uma analogia da crise sistêmica do capitalismo com a progressão lógica das políticas de antissemitismo proposta por Hilberg. Na fase de ascensão e consolidação do capitalismo, ocorre um movimento de assimilação de massas humanas aos processos de produção de mercadorias. A partir das transformações técnicas que tornam prescindível a força de trabalho humana, passa a haver um movimento de expulsão das massas, o que gera desemprego estrutural e desloca essa população para as periferias das cidades e para as prisões. No atual estágio do capitalismo, não há assimilação nem expulsão, mas sim um desfazimento de massas humanas por parte do sistema. Sendo dispensáveis ao modo de produção e reprodução de riquezas, os sujeitos que sobram são objetos de políticas de aniquilação – o que caracteriza, em termos políticos, a passagem da biopolítica para a necropolítica.<sup>221</sup>

Aqui a tendência para o “trabalho morto” na produção de valor encontra o “trabalho de morte” da política. Os indivíduos começam a sobrar diante da forma social atual, pois já não são mais rentáveis, não são mais requisitados a dispenderem sua força de trabalho no interior de um processo produtivo amplo. Muito pelo contrário, **são expulsos e jogados no mercado informal e precário, nas margens da cidade etc.**

Na crítica social foucaultiana, a política se assemelha a um “trabalho de vida”, porque o que está em jogo é constantemente produzir a vida, sejam indivíduos dóceis politicamente e úteis produtivamente, sejam populações sadias que garantam as riquezas às nações. No contexto da crise sistêmica como a que vivemos, no qual o Estado de exceção é a regra, a política se converte em “trabalho de morte”. [grifos nossos]

Os conceitos de necropolítica e necropoder foram concebidos pelo filósofo camaronês Achille Mbembe a partir das concepções foucaultianas de biopolítica e biopoder, mas com o recorte pós-colonial. Segundo MBEMBE, *“a noção de biopoder é insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte.”*<sup>222</sup> A necropolítica mbembiana promove, portanto, um resgate à

---

capitalismo. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 194-210, jun. 2016. ISSN 2177-6342, p. 198-200. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2016v7n13p194>>. Acesso em: 30 out. 2018.

<sup>221</sup> Ibidem, p. 202-203.

<sup>222</sup> MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, [S.l.], n. 32, mar. 2017. ISSN 2448-3338, p. 146. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em: 30 out. 2018.

potencialidade crítica exercida a partir da periferia do capitalismo – o que se constitui em uma ferramenta muito útil para descrever fenômenos de violência no Brasil<sup>223</sup> e em demais países de capitalismo periférico, caracterizados pelo enfraquecimento de um debilitado Estado de Bem-Estar Social que se opera em uma dinâmica de retirada de direitos individuais e políticos.<sup>224</sup>

Uma das dimensões da necropolítica diz respeito à destruição de corpos e populações humanos considerados descartáveis ou supérfluos. Desse modo, o indivíduo supérfluo torna-se portador de uma vida matável – vida esta que não possui valor e que é indigna de ser vivida justamente porque a força de trabalho desse indivíduo não é mais necessária ao modo de reprodução do capital.<sup>225</sup> Percebe-se, nesse sentido, o fenômeno das massas supérfluas no conjunto da periferia do capitalismo: populações *“que vivem em estado de absoluta precariedade, expulsos do arranjo socioeconômico atual e que ocupam as margens das grandes cidades.”*<sup>226</sup>

Se na biopolítica foucaultiana a morte simbolizava o momento no qual o indivíduo escapava ao poder, a necropolítica mbembiana assevera que a ação política de morte é a maneira pela qual a microfísica do poder se opera na contemporaneidade, sobretudo em países de capitalismo periférico. Ainda que se empregue uma analítica tipicamente foucaultiana ao tema, parte-se da interpretação da morte como uma tecnologia de origem colonial e que opera numa lógica de gestão populacional, na qual o necropoder “empurra” determinados grupos humanos à morte.<sup>227</sup> Nesse sentido, além do homicídio propriamente dito, esse poder de morte se relaciona também à exposição ou à replicação de riscos de morte, bem como a processos de invisibilização, expulsão, estigmatização e exclusão social<sup>228</sup> – aspectos que parecem permitir uma associação ao conceito de condição de precariedade desenvolvido por Butler.

---

<sup>223</sup> HILÁRIO, Leomir Cardoso. Da Biopolítica à Necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 194-210, jun. 2016. ISSN 2177-6342, p. 196-197. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2016v7n13p194>>. Acesso em: 30 out. 2018.

<sup>224</sup> Ibidem, p. 205.

<sup>225</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>226</sup> Ibidem, p. 204.

<sup>227</sup> CARAVACA-MORERA, Jaime Alonso; PADILHA, Maria Itayra. Necropolítica Trans: diálogos sobre dispositivos de poder, morte e invisibilização na contemporaneidade. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e3770017, 2018, p. 2. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072018000200326&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000200326&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 nov. 2018.

<sup>228</sup> Ibidem, loc. cit.

Assim, é cediço que o poder pós-colonial assume a forma de necropolítica, uma vez que se encontra confinado em um terreno de brutalidade genérica que *“preconiza como estandarte a morte daquele que não é capaz de encaixar-se dentro de suas normativas manipuladoras e prescritivas.”*<sup>229</sup>

#### 4.3 CONDIÇÃO DE PRECARIEDADE E NECROPOLÍTICA DA TRANSGRESSÃO

Tendo em vista as considerações realizadas até então, é mais do que necessário analisar o fenômeno da matabilidade de indivíduos transgêneros no Brasil sob a ótica do necropoder e da distribuição diferencial da condição de precariedade.

Em estudo dirigido a desvelar práticas de produção de morte de indivíduos transgêneros mediante o exercício sistemático de violência e terror sobre essa população, CARAVACA-MORERA e PADILHA se utilizam do conceito de “necropolítica trans”. Esse necropoder direcionado especificamente aos indivíduos transgêneros é estruturado sobre dispositivos, tecnologias, decretos, normativas e marcos sociais que impõem performatividades em conformidade com genitálias e gêneros artificiais, plásticos e volúveis<sup>230</sup> – ou seja, de acordo com o dispositivo binário de gênero. Assim, essa necropolítica é *“gestada desde a normativa social, sexista, classista e heterocisnormativa”*,<sup>231</sup> numa lógica em que o poder transborda as estruturas do Estado, sendo exercido paralelamente por instituições como a família, a escola, a igreja, entre outras.

Na categoria “Crônica de várias mortes anunciadas”, os autores colhem relatos que demonstram a convivência de pessoas trans de nacionalidades brasileira e costarriquenha com o necropoder e a necropolítica, caracterizada como uma *“tecnologia ininterrupta de violência sistêmica, estrutural e institucional”*<sup>232</sup> contra os indivíduos cuja performatividade de gênero transgride o dispositivo binário:

*a minha família me chamava, quer dizer ainda me chama de aberração.*

---

<sup>229</sup> Ibidem, p. 3.

<sup>230</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>231</sup> Ibidem, loc. cit.

<sup>232</sup> Ibidem, p. 4.

*Quando eles viram como estou hoje com barba e transformado, com uma voz um pouco mais grossa, eles olham e falam: ‘pronto, não dá mais esse show de horrores e essa aberração’. Eles [a família] diziam que preferiam me ver morrer assassinada do que ter que olhar para minha cara. Eles diziam: ‘A gente só pode esperar que alguém faça a gentileza de matá-la, porque a gente não tem como te matar. Jamais que a gente vai te aceitar, jamais que a gente vai engolir essa aberração’. Por isso é que penso todo dia em acabar com minha vida, às vezes não quero mais viver (Transhomem 5, Brasil, 2014); [...]*

*eles [a família] diziam que preferiam me ver morrer assassinada do que ter que olhar para minha cara. Lá na rua também já fui chamada de satânica, anormal, todos querem me ver morta como se eu fosse uma barata, querem me ver chicoteada, humilhada porque para eles ser trans é uma maldição (Transmulher 20, Brasil, 2014);*

*me recuerdo que una vez caminando por la calle me topé un mae [um homem] que murmuraba descaradamente: ‘¡qué rico sería toparse a una de esas travestis malditas que se paran en la esquina del INS y partirles el hocico o agarrarlas a tiros!’ Y el mae lo dijo sin miedo, sin vergüenza, en medio de un grupo de otros maes que le aplaudían y le reían sus deseos maléficos. Por eso te digo que no puedo parar de sentirme amenazada y con miedo, pensando en todas las veces que quieren matarme y en los momentos en que la muerte camina a mi lado (Transmulher 11, Costa Rica, 2015);<sup>233</sup> [grifos nossos]*

Nesse sentido, os levantamentos realizados por entidades nacionais e internacionais acerca dos assassinatos de indivíduos transgêneros no Brasil e os dados do IBGE sobre a expectativa de vida dessa população também evidenciam que o necropoder e a necropolítica pairam sobre a existência dessas pessoas. Assim, o necropoder que opera sobre os indivíduos que transgridem o dispositivo binário de gênero institui uma *“rede simbólica que se ramifica por toda a sociedade e que se rege por regras de comportamento heterocispunitivas baseadas no interesse político, estético, econômico e religioso de um grupo hegemônico e historicamente dominante.”*<sup>234</sup> Desse modo, os desregrados sofrem as sanções impostas por essas regras de comportamento, pois seus corpos são diagnosticados como estranhos e plausíveis a homicídios literais e metafóricos.

Os mecanismos de morte implementados pela necropolítica trans podem ser retratados de acordo com a metáfora da escravidão proposta por Mbembe: caso o indivíduo transgênero não obedeça aos interditos sociais, será exposto à morte. Nesse cenário, a política heterocisnormativa, que opera dentro da lógica do dispositivo binário de gênero, se encarrega de normalizar os critérios pelos quais um indivíduo

<sup>233</sup> Ibidem, p. 4-5.

<sup>234</sup> Ibidem, p. 6.

pode ser identificado enquanto homem ou enquanto mulher, relegando aqueles que escapam desses critérios ao *status* de seres abjetos e cidadãos sem cidadania. Por outro lado, os indivíduos cuja performatividade de gênero se coaduna ao dispositivo binário são alçados à categoria de soberanos que detêm<sup>235</sup>

o (necro)poder de reproduzir esses discursos, assinalar, discriminar, estigmatizar e até assassinar a alteridade que não se encaixa dentro desses estatutos, sem que aconteça qualquer tipo de punição, pois estes estão simplesmente seguindo as ordens de uma política social, historicamente instaurada e validada pela religião, sociedade, moral, direito e medicina.

O necropoder trans também cria uma hierarquia das mortes, produzindo consequências até mesmo nos processos de apuração dos crimes e punição dos culpados. Conforme assevera BENTO, a conduta da vítima em vida é um dos critérios empregados na lógica jurídica para hierarquizar homicídios – ainda que essa não seja uma diretriz declarada entre os operadores do Direito –, dividindo-os entre os casos que serão ou não objetos de persecução penal:<sup>236</sup>

Nessa cruel taxonomia, casos de pessoas transexuais assassinadas ocupam a posição mais inferior. É como se houvesse um subtexto: “quem mandou se comportar assim”. Essa taxonomia acaba (re)produzindo uma pedagogia da intolerância. A vítima é metamorfoseada em ré em um processo perverso de esvaziá-la de qualquer humanidade.

Assim, é inevitável constatar que os indivíduos transgêneros se encontram, sobretudo no Brasil, em uma condição de precariedade na qual tecnologias e aparatos de controle social dificultam o reconhecimento de sua cidadania e aceleram os processos que culminam na morte prematura dessa população – sendo os homicídios apenas uma parte da problemática, levando em conta a exposição mais acentuada a suicídios e a mortes decorrentes de procedimentos estéticos de risco.

Atrelado à não inteligibilidade desses corpos performáticos sob a matriz do dispositivo binário de gênero, está o fato de que a maior parte da população transgênera no Brasil integra as massas supérfluas no contexto do capitalismo periférico. São indivíduos cujas vidas não se fazem necessárias ao modo de produção atual, visto que 90% dessa população exerce a atividade da prostituição. É pertinente

<sup>235</sup> Ibidem, p. 7.

<sup>236</sup> BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 548-559, jan. 2011. ISSN 1806-9584, p. 554. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016/19404>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

admitir, portanto, que o poder de morte atua de maneira mais incisiva em relação a esses corpos, levando em conta a intersecção de fatores que contribuem para sua exposição a condições mais acentuadas de precariedade. Conforme ressaltou Judith Butler em entrevista concedida à Agência Patrícia Galvão no ano de 2015, a questão da precariedade deve ser vista para além das normas de gênero e articulada em conjunto com as privações econômicas e políticas que produzem hierarquias de corpos. Na ocasião, a filósofa asseverou que as mulheres estão desproporcionalmente nas estatísticas de pessoas sem perspectivas econômicas e acesso à educação.<sup>237</sup> É ainda mais alarmante pensar nesse dado em relação à população transgênera: se as mulheres cisgêneras já são vitimizadas por essa lógica excludente, a vulnerabilidade e precariedade dos corpos desregrados em relação ao dispositivo binário de gênero parece ser ainda mais marcante.

Trata-se, portanto, de corpos plausíveis a homicídios e passíveis de sanções de caráter heterocispunitivo, as quais decorrem de um necropoder que se opera não apenas pelo Estado, mas em conjunto a instituições como a família, a religião de cunho não progressista e a medicina, que empregam uma vigilância dos corpos transgêneros, taxando-os como anormais, pecaminosos e patológicos a fim de expor essas corporalidades à morte.<sup>238</sup> Apesar de vivos, os corpos transgêneros não são apreendidos como vidas passíveis de serem enlutadas – tendo em vista a ausência de condições políticas, sociais e econômicas capazes de resgatá-los de sua condição de precariedade. São figuras vivas situadas fora das normas da vida, ou seja: mortos-vivos, supérfluos, descartáveis, matáveis, desregrados, desviantes, *transgressores*.

---

<sup>237</sup> AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Judith Butler: “O queer é uma aliança de pessoas em vidas precárias”** Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/judith-butler-o-queer-e-uma-alianca-de-pessoas-em-vidas-precarias/>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

<sup>238</sup> CARAVACA-MORERA, Jaime Alonso; PADILHA, Maria Itayra. Necropolítica Trans: diálogos sobre dispositivos de poder, morte e invisibilização na contemporaneidade. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e3770017, 2018, p. 5-6. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072018000200326&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000200326&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 nov. 2018.

## 5 CONCLUSÃO

Todos os dados, casos, informações, relatórios, reportagens e conceitos tratados até então parecem convergir para um ponto em comum: a morte física do corpo transgênero é o último e mais nefasto estágio dos processos pelos quais o necropoder trans se opera sobre os indivíduos que transgridem a norma do dispositivo binário de gênero. Sendo o último desses estágios, a morte física é logicamente precedida – e inclusive condicionada – por outras expressões desse poder letal, como a patologização e a expulsão dos ambientes escolares e do mercado de trabalho, que convergem no sentido de agravar as condições de precariedade das vidas transgêneras, transformando a existência desses indivíduos em uma constante luta por sobrevivência.

O levantamento de dados demonstra objetivamente o alto grau de periculosidade que a transgeneridade pressupõe no contexto social brasileiro. O fato do Brasil ter os índices mais elevados de assassinatos de transgêneros em todo o mundo, mais de três vezes maior do que os índices do México, que é o segundo país desse *ranking*, demonstra a urgência de se pensar essa problemática tanto nas instâncias de representação política quanto nos espaços de produção de conhecimento, sobretudo na área do conhecimento jurídico.

Conforme já ressaltado, o conceito de biopoder parece ser insuficiente para tratar dessa realidade. Mesmo o aporte teórico do racismo de Estado, mecanismo pelo qual a biopolítica efetiva o fenômeno do “deixar morrer”, não é adequado à tarefa de diagnosticar um fenômeno inserido em um contexto político e social tão singular como é o caso do Brasil. Por isso, é imprescindível o reconhecimento de que os processos de violência em nosso país, assim como em demais pontos geográficos que se encontram na periferia do capitalismo, são sistematizados sobre estruturas pós-coloniais. Exige-se, portanto, um olhar desde a margem; o reconhecimento de que na periferia, o poder não se manifesta mediante omissão, como um “deixar morrer”, e sim como comissão de um “fazer morrer” – física ou simbolicamente.

No que tange especificamente à transgeneridade, as considerações de Judith Butler acerca de estratégias emancipatórias parecem ser absolutamente pertinentes – sobretudo quando a autora questiona a potencialidade de emancipação das pautas



identitárias. A simples noção de que as categorias de sexo/gênero não são condicionadas por características anatômicossexuais, mas se constituem mediante a reiteração de atos performáticos, já apresenta por si só um horizonte emancipatório capaz de atribuir inteligibilidade aos corpos transgêneros – oportunizando, assim, que essas corporalidades migrem de um contexto de excessiva vulnerabilidade e estigmatização para um espaço no qual os indivíduos vislumbrem a possibilidade de uma existência na qual seus esforços vitais não sejam integralmente direcionados a manter sua própria sobrevivência.

Infelizmente, o estudo desenvolvido não poderia resultar em conclusões distintas daquelas que retratam a precariedade da realidade transgênera. Sendo assim, compreendemos a necessidade e a urgência de serem criadas condições sociais e redes de apoio capazes de reduzir a precariedade distribuída à população transgênera. Conforme demonstrado no decorrer do estudo, a criação de um banco de dados oficial que adote uma metodologia adequada para contabilizar as mortes de pessoas transgêneras é uma das reivindicações mais imediatas das organizações que atuam na defesa dessa população. Fomentar debates públicos qualificados acerca da temática também é uma medida imprescindível nos esforços pela diminuição da precariedade, assim como as contribuições acadêmicas em diversas áreas do conhecimento.

Parece-nos, inclusive, que o Direito e a ciência jurídica detêm o potencial de propor relevantes medidas para essa finalidade. No âmbito do Direito Penal, por exemplo, diversas vozes da academia e de movimentos sociais já propõem a criminalização da LGBTfobia (ressalvadas as críticas advindas do minimalismo penal) e a possibilidade de que a lei do feminicídio seja também aplicada a mulheres transgêneras e travestis. As possibilidades de contribuição da área do Direito não se limitam, contudo, a hipóteses de repressão penal: a exigibilidade de cotas educacionais e profissionais para pessoas transgêneras representa um novo campo de estudos sobre políticas públicas de inclusão, por exemplo.

Não se pode olvidar, entretanto, o reacionarismo conservador que vem ganhando relevância na sociedade civil e nos espaços públicos de representação. Atualmente, há treze projetos de lei que versam sobre direitos da população LGBTI+ parados no Congresso Nacional, sendo que não houve aprovação de nenhum projeto

dessa natureza no ano de 2018.<sup>239</sup> Além de parecer quase inconcebível que determinadas pautas progressistas sejam aprovadas em um contexto onde os representantes políticos ostentam, em sua maioria, posturas reacionárias, teme-se também a possibilidade de retrocesso no que diz respeito a direitos já conquistados.

Talvez isso implique em assumir que nenhum direito é efetivamente conquistado, por mais paradoxal que possa parecer. Isso porque há uma constante necessidade de empreender vigilância quanto à manutenção de determinadas conquistas, especialmente quando se trata de minorias políticas. Assim, no que concerne a essa questão, reforçamos a urgente necessidade de amparo por parte de instituições diversas – como a academia, por exemplo –, mas sem esquecer jamais que o protagonismo desta vanguarda é dos movimentos sociais, sobretudo dos grupos autodeterminados.

---

<sup>239</sup> HUFFPOST. **Os 13 projetos de lei prioritários sobre direitos LGBT que estão parados no Congresso.** Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/06/os-13-projetos-de-lei-prioritarios-sobre-direitos-lgbt-que-estao-parados-no-congresso\\_a\\_23450721/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/06/os-13-projetos-de-lei-prioritarios-sobre-direitos-lgbt-que-estao-parados-no-congresso_a_23450721/)>. Acesso em: 08 nov. 2018.

## REFERÊNCIAS

### a. Artigos. Livros.

ALMEIDA, Cecília Barreto de; VASCONCELLOS, Victor Augusto. Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo? **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 303-333, ago. 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-24322018000200303&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322018000200303&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 nov. 2018.

ARAN, Márcia; MURTA, Daniela; LIONCO, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1141-1149, ago. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232009000400020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 nov. 2018.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 548-559, jan. 2011. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016/19404>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 569-581, maio 2012. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200017>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 2. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

\_\_\_\_\_. **Quadros de guerra:** Quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CANABARRO, Ronaldo; MEYRER, Marlise Regina. “A mulher mais bonita do Brasil”: Os *closes* de Roberta nas capas da *Revista Manchete*: A construção de identidades transfemininas. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 02, p. 212-234, 2016.

CAPRONI NETO, Henrique Luiz; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Violência simbólica nas trajetórias profissionais de homens gays de Juiz de Fora, **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 93-110, abr. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2013000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2013000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 set. 2018.

CARAVACA-MORERA, Jaime Alonso; PADILHA, Maria Itayra. Necropolítica Trans: diálogos sobre dispositivos de poder, morte e invisibilização na contemporaneidade. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e3770017, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072018000200326&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000200326&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 nov. 2018.

CENTRO LATINO-AMERICANO EM SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS. **Brasil: país do transfeminicídio.** Disponível em: <<http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?cod=11606>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 1:** A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Sobre a História da sexualidade.** In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Da Biopolítica à Necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 194-210, jun. 2016. ISSN 2177-6342. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2016v7n13p194>>. Acesso em: 30 out. 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. **História Agora**, v. 16, n. 2, p.101-123, 2013. Disponível em: <<http://jaquejesus.blogspot.com/2015/08/transfobia-e-crimes-de-odio.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.

LETÍCIA, Lanz. **O corpo da roupa**: A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LUCENA, Kerle Dayana Tavares de et al. Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 139-146, 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822016000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822016000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 out. 2018.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, [S.l.], n. 32, mar. 2017. ISSN 2448-3338. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em: 30 out. 2018.

MENEGHEL, Stela Nazareth, et al. Femicídios: narrativas de crimes de gênero. **Interface (Botucatu)**, v. 17, n. 46, p. 523-33, jul./set. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/icse/2013.v17n46/523-533/pt>>. Acesso em: 19 out. 2018.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 10, p. 140-164, abr. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872012000400007&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872012000400007&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 12 set. 2018.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SEFFNER, Fernando; SILVA PASSOS, Amilton Gustavo. Uma galeria para travestis, gays e seus maridos: Forças discursivas na geração de um acontecimento prisional, **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 23, p. 140-161, ago. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sess/n23/1984-6487-sess-23-00140.pdf>. Acesso em: 08 out. 2018.

SILVA, Lara Ferreira da; OLIVEIRA, Luizir de. O Papel da Violência Simbólica na Sociedade por Pierre Bourdieu. **Revista FSA**, Teresina, v. 14, n. 3, art. 9, p. 160-174, mai./jun. 2017. Disponível em: <http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1342/1249>. Acesso em: 02 set. 2018.

SILVA, Shirlei Santos de Jesus. Travestis na Escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa, de Luma Nogueira de Andrade. **Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S.l.], v. 1, n. 01, jan. 2018. ISSN 2595-3206. Disponível em: <http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/89>. Acesso em: 04 nov. 2018.

VECHIATTI, Paulo Roberto Iotti. Transfobia e Homofobia como crimes de ódio e a necessidade de sua repressão pelo Estado, **Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>. Acesso em: 08 out. 2018.

#### **b. Dossiês. Relatórios. Tabelas. Endereços eletrônicos. Vídeos.**

ANTRA. **Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>. Acesso em: 01 out. 2018.

BRASIL. **PL 4931/2016**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=20816>

00>. Acesso em: 14 set. 2018.

GOOGLE MY MAPS. **Assassinatos de Pessoas Trans - (2017) ANTRA**. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?ll=-13.072303542292511%2C-42.235565299999996&z=5&mid=1yMKNg31SYjDAS0N-ZwH1jJ0apFQ>. Acesso em: 08 out. 2018.

GRUPO GAY DA BAHIA. **2017**. Disponível em: <https://homofobiamata.wordpress.com/2017-2/>. Acesso em: 01 out. 2018.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório 2004**. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/assassinatos/relatorios/relatorio-2004/>. Acesso em: 01 out. 2018.

IBTE. **Assassinatos**. Disponível em: <<http://observatoriotrans.org/assassinatos>>. Acesso em: 01 out. 2018.

IBTE. **Observatório de Violência**. Disponível em: <<http://observatoriotrans.org/observat%C3%B3rio-de-viol%C3%Aancia>>. Acesso em: 01 out. 2018.

ISSUU. **Redetransbrasil dossier by Rede Trans Brasil**. Disponível em: <[https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil\\_dossier](https://issuu.com/redetransbrasil/docs/redetransbrasil_dossier)>. Acesso em: 01 out. 2018.

IPEA. **Atlas da Violência - Atlas 2018**. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/9/atlas-2018>>. Acesso em: 08 out. 2018.

LETÍCIA LANZ. **De quem é a culpa da hiper sexualização, estetização e objetificação da mulher transgênera**. Disponível em: <<http://leticialanz.blogspot.com/2016/10/de-quem-e-culpa-da-hiper-sexualizacao.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.

MARISA LOBO. **Marisa Lobo 7070**. Disponível em: <<https://marisalobo.com.br>>. Acesso em: 14 set. 2018.

PORNHUB INSIGHTS. **RedTube & Brazil**. Disponível em: <<https://www.pornhub.com/insights/redtube-brazil>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

TRANSGENDER EUROPE. **Microsoft Word - TvT\_TMM\_TDoR2017\_Tables\_EN.docx**. Disponível em: <[https://transrespect.org/wp-content/uploads/2017/11/TvT\\_TMM\\_TDoR2017\\_Tables\\_EN.pdf](https://transrespect.org/wp-content/uploads/2017/11/TvT_TMM_TDoR2017_Tables_EN.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2018.

TRANSGENDER EUROPE. **TMM anual report 2016**. Disponível em: <<https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

TRANSGENDER EUROPE. **TMM Update Trans Day of Remembrance 2017 - TvT**. Disponível em: <<https://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-remembrance-2017/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

TRANSGENDER EUROPE. **TMM Update Trans Day of Visibility 2017 Press Release - TvT**. Disponível em: <<https://transrespect.org/en/tdov-2017-tmm-update/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

TRANSGENDER EUROPE. **Trans Murder Monitoring Archives**. Disponível em: <<https://transrespect.org/en/research/trans-murder-monitoring/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

TRANZFORMED. **Tranzformed: Finding Peace with Your God-Given Gender**. Disponível em: <<https://tranzformed.org/>>. Acesso em: 02 set. 2018.

UNAIDS BRASIL. **Rumo à zero discriminação com travestis e transexuais no**



**mercado de trabalho.** Disponível em: <<https://unaid.org.br/2016/01/rumo-a-zero-discriminacao-com-travestis-e-transexuais-no-mercado-de-trabalho/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Diseases.** Disponível em: <http://www.who.int/health-topics/international-classification-of-diseases>. Acesso em: 20 ago. 2018.

WORLD PROFESSIONAL ASSOCIATION FOR TRANSGENDER HEALTH. **Standards of Care.** Disponível em: <https://www.wpath.org/publications/soc>. Acesso em: 18 ago. 2018.

YOUTUBE. **Linn da Quebrada – blasFêmea.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ptoK2ODrEGI>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

### c. Notícias. Reportagens.

A CIDADE DE VERDADE. **Em Governador Newton Bello: travesti é assassinada por companheiro, após crise de ciúmes.** Disponível em: <<http://www.acidadedeverdade.com.br/2018/01/em-governador-newton-bello-travesti-e.html?m=1>>. Acesso em: 20 out. 2018.

A CRÍTICA. **Causa da morte de travesti encontrada sem os olhos é contestada por familiares.** Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/familia-contesta-afogamento-de-travesti-achada-sem-olhos-na-ponta-negra>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Travesti é assassinada com 13 facadas, na Praça da Onça, em Parintins.** Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/hoje/news/travesti-e-assassinada-com-13-facadas-na-praca-da-onca-em-parintins>>. Acesso em: 15 out. 2018.

ADVENTIST NEWS NETWORK. **A IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA VOTA DECLARAÇÃO SOBRE TRANSEXUALIDADE.** Disponível em:

<<https://news.adventist.org/pt/todas-as-noticias/noticias/go/2017-04-11/seventh-day-adventist-world-church-vote-statement-on-transgender/>>. Acesso em: 02 set. 2018.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Judith Butler: “O queer é uma aliança de pessoas em vidas precárias”** Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/judith-butler-o-queer-e-uma-alianca-de-pessoas-em-vidas-precarias/>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

BANDA B. **Travesti é brutalmente assassinada com mais de 25 tiros na CIC.** Disponível em: <<https://www.bandab.com.br/seguranca/travesti-e-brutalmente-assassinada-com-mais-de-25-tiros-na-cic/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

BBC. **#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Um ano depois, acusados de linchar e matar travesti Dandara vão a julgamento.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43648715>>. Acesso em: 19 out. 2018.

BEM PARANÁ. **Alunos de direito da UFPR aderem ao movimento contra o fascismo.** Disponível em: <<https://www.bemparana.com.br/noticia/alunos-de-direito-da-ufpr-aderem-ao-movimento-contra-o-fascismo>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

BRASIL. Senado Notícias. **Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional.** Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>>. Acesso em: 14 out. 2018.

CADA MINUTO. **Travesti é morta a pauladas na zona rural de Craíbas.** Disponível em: <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/317522/2018/03/09/travesti-e-morta-a-pauladas-na-zona-rural-de-craibas>>. Acesso em: 19 out. 2018.

CAMPO GRANDE NEWS. **Travesti é assassinada com 20 facadas em estrada vicinal.** Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/travesti-e-assassinada-a-pedradas-e-com-20-facadas-em-estrada-vicinal>>. Acesso em: 18 out. 2018.

CORREIO DO ESTADO. **Grupo de oito pessoas mata travesti espancada e com 17 facadas.** Disponível em: <https://www.correiodoestado.com.br/cidades/dourados/grupo-de-oito-pessoas-mata-travesti-espancada-e-com-17-facadas/300462/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

DIÁRIO ONLINE. **Cabeleireiro é morto a facadas no Marco.** Disponível em: <http://m.diarioonline.com.br/noticias/policia/noticia-408735-cabeleireiro-e-morto-a-facadas-no-marco.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.

EXTRA. **Polícia identifica homem que incendiou quarto com travesti dentro, em São Gonçalo.** Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/policia-identifica-homem-que-incendiou-quarto-com-travesti-dentro-em-sao-goncalo-21694998.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.

FOLHA DE S. PAULO. **Cinco são condenados à prisão por morte da travesti Dandara.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/cinco-sao-condenados-a-mais-de-14-anos-de-prisao-por-matar-travesti-no-ceara.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **F5 - saiu no NP - Roberta Close passa a perna em Miss Brasil - 28/05/2014.** Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/saiunonp/2014/05/1460965-roberta-close-passa-a-perna-em-miss-brasil.shtml>. Acesso em: 21 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Travesti é morta a pauladas após sofrer ameaça em Uberlândia, diz PM.** Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1893302-travesti-e-morta-a-pauladas-apos-sofrer-ameaca-em-uberlandia-diz-pm.shtml?utm\\_source=facebook&utm\\_campaign=noticias&utm\\_content=geral](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1893302-travesti-e-morta-a-pauladas-apos-sofrer-ameaca-em-uberlandia-diz-pm.shtml?utm_source=facebook&utm_campaign=noticias&utm_content=geral)>. Acesso em: 19 out. 2018.

G1. **Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diz pesquisa.** Disponível em: <http://g1.globo.com/profissao->

reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 08 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Corpo de travesti morta a facadas é encontrado em João Pessoa.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/02/corpo-de-travesti-morta-facadas-e-encontrado-em-joao-pessoa.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **De testemunha de Jeová a voz do funk LGBT, MC Linn da Quebrada se diz 'terrorista de gênero'.** Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2016/09/de-testemunha-de-jeova-voz-do-funk-lgbt-mc-linn-da-quebrada-se-diz-terrorista-de-genero.html>. Acesso em: 25 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **'Era cheia de sonhos', diz mãe de travesti assassinada em cidade de MT.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/08/era-cheia-de-sonhos-diz-mae-de-travesti-assassinada-em-cidade-de-mt.html>>. Acesso em: 19 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Mãe encontra corpo de transexual morta a pedradas após sequestro.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2017/02/mae-encontra-corpo-de-transexual-morta-pedradas-apos-sequestro.html>>. Acesso em: 19 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Mestre de capoeira é morto a golpes de faca após discussão política na BA; suspeito se escondeu em banheiro e foi preso.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2018/10/08/idoso-morre-a-golpes-de-facas-apos-discussao-politica-na-ba-suspeito-se-escondeu-em-banheiro-e-foi-preso.ghtml>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Sexto acusado pela morte da travesti Dandara dos Santos recebe pena de 16 anos de prisão.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2018/10/23/sexta-acusado-pela-morte-da-travesti-dandara-dos-santos-recebe-pena-de-16-anos-de-prisao.ghtml>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Transgênero é internado em coma após ataque homofóbico no Rio.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/transgenero-e-internada-em-coma-apos-ataque-homofobico-no-rio.ghtml>>. Acesso em: 19 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Transexual é morta a pauladas por quatro pessoas na Zona Norte de SP.** Disponível em: <[https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/transexual-e-morta-a-pauladas-por-quatro-pessoas-na-zona-norte-de-sp.ghtml?utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=share-bar-smart&utm\\_campaign=share-bar](https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/transexual-e-morta-a-pauladas-por-quatro-pessoas-na-zona-norte-de-sp.ghtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar-smart&utm_campaign=share-bar)>. Acesso em: 19 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Travesti de 17 anos é morta na BA; homem que mantinha relacionamento com a vítima confessa crime e alega ciúmes.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/travesti-de-17-anos-e-morta-na-ba-homem-que-mantinha-relacionamento-com-vitima-confessa-e-alega-ciumes.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Travesti é morta a facadas dentro de boate em MT e o suspeito é o namorado, diz polícia.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2018/09/18/travesti-e-morta-a-facadas-dentro-de-boate-em-mt-e-suspeito-e-o-namorado-diz-policia.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Travesti é morta a facadas durante briga em bar no Centro de São Paulo.** Disponível em: <[https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/10/16/travesti-e-morta-a-facadas-durante-briga-em-bar-no-centro-de-sp.ghtml?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=sptv&utm\\_content=post](https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/10/16/travesti-e-morta-a-facadas-durante-briga-em-bar-no-centro-de-sp.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=sptv&utm_content=post)>. Acesso em: 04 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Travesti é morta a tiros por cliente após programa no Centro de João Pessoa.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/travesti-e-morta-a-tiros-por-cliente-apos-programa-no-centro-de-joao-pessoa-diz-pm.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Travesti é morta em quarto de motel em Ribeirão Preto, SP.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/travesti-e-morta-em-quarto-de-motel-em-ribeirao-preto-sp.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2018.

GAÚCHA ZERO HORA. **Transexual é assassinada por jogador de futebol em São Borja.** Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2018/06/transexual-e-assassinada-por-jogador-de-futebol-em-sao-borja-cjioycs2s0idu01qoz65qnh5h.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.

GC NOTÍCIAS. **Travesti é morta com requintes de crueldade em MT.** Disponível em: <<http://www.gcnoticias.com.br/policia/travesti-e-morta-com-requintes-de-crueldade-em-mt/41953136>>. Acesso em: 19 out. 2018.

HUFFPOST. **Os 13 projetos de lei prioritários sobre direitos LGBT que estão parados no Congresso.** Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/06/os-13-projetos-de-lei-prioritarios-sobre-direitos-lgbt-que-estao-parados-no-congresso\\_a\\_23450721/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/06/os-13-projetos-de-lei-prioritarios-sobre-direitos-lgbt-que-estao-parados-no-congresso_a_23450721/)>. Acesso em: 08 nov. 2018.

INFORME BAIANO. **Mulher encontrada morta com as mãos amarradas em Cajazeiras.** Disponível em: <<https://informebaiano.com.br/26440/policia/mulher-encontrada-morta-com-as-maos-amarradas-em-cajazeiras>>. Acesso em: 15 out. 2018.

JEAN NOTÍCIAS. **Homossexual que estava desaparecido é encontrado morto no rio Una, na cidade de AltinhoPE.** Disponível em: <<http://jeannoticiass.blogspot.com/2017/12/jean-noticias-homossexual-que-estava.html>>. Acesso em: 19 out. 2018.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ. **Caso Dandara: acusado de participação no crime é condenado a 16 anos de prisão.** Disponível em: <<http://www.mpce.mp.br/2018/10/23/caso-dandara-acusado-de-participacao-no-crime-e-condenado-16-anos-de-prisao/>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ. **Caso Dandara: cinco réus vão a júri popular.** Disponível em: <<http://www.mpce.mp.br/2018/04/05/caso-dandara-cinco-reus-vao-juri-popular/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

NLUCON. **Mulher transexual Laysa Fortuna é esfaqueada em Aracaju (SE) e morre aos 25 anos.** Disponível em: <<https://nlucon.com/2018/10/20/mulher-transexual-laysa-fortuna-e-esfaqueada-em-aracaju-se-e-morre-aos-25-anos/>>.

Acesso em: 08 nov. 2018.

NLUCON. **Rede Trans contabiliza pela 1ª vez mortes por transfobia e pedirá intervenção de órgãos internacionais.** Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2016/11/rede-trans-contabiliza-pela-1-vez.html>>. Acesso em: 01 out. 2018.

O DIA. **Corpo de homem é encontrado na Ilha do Governador com sinais de mutilação.** Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/03/5523276-corpo-de-homem-e-encontrado-na-ilha-do-governador-com-sinais-de-tortura.html>>. Acesso em: 19 out. 2018.

O DIA. **Morre travesti que foi espancada e teve corpo queimado em São Gonçalo.** Disponível em: <[https://odia.ig.com.br/\\_conteudo/rio-de-janeiro/2017-12-08/morre-travesti-que-foi-espancada-e-teve-corpo-queimado-em-sao-goncalo.html](https://odia.ig.com.br/_conteudo/rio-de-janeiro/2017-12-08/morre-travesti-que-foi-espancada-e-teve-corpo-queimado-em-sao-goncalo.html)>. Acesso em: 20 out. 2018.

O HOJE. **Suspeito de matar mulher transexual em motel é preso em Aparecida.** Disponível em: <<http://ohoje.com/noticia/cidades/n/147786/t/suspeito-de-matar-mulher-transexual-em-motel-e-preso-em-aparecida>>. Acesso em: 20 out. 2018.

O POVO. **Travesti Hérica Izidoro morre dois meses após agressão.** Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/04/travesti-herica-izidoro-morre-dois-meses-apos-agressao.html>>. Acesso em: 19 out. 2018.

PORTAL DO ZACARIAS. **IMAGEM FORTE! Travesti é executado com 27 tiros e corpo é abandonado pelos assassinos no Distrito Industrial 2, na Zona Leste de Manaus.** Disponível em: <<http://portaldozacarias.com.br/site/noticia/imagem-forte--travesti-a-executado-com-27-tiros-e-corpo-a-abandonado-pelos-assassinos-no-distrito-industrial-2--na-zona-leste-de-manaus/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

REPÓRTER LITORAL. **Travesti é assassinado e corpo é encontrado próximo “Buraco da Onça” no Pouso Alto.** Disponível em: <<http://www.reporteronlinelitoral.com.br/press/2017/06/16/travesti-e-assassinada-e-corpo-e-encontrado-proximo-buraco-da-onca-no-pouso-alto/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO CEARÁ. **Acusados de participação no homicídio de Dandara dos Santos serão levados a júri nesta quinta-feira.** Disponível em: <<https://www.tjce.jus.br/noticias/acusados-de-participacao-no-homicidio-de-dandara-dos-santos-serao-levados-a-juri-nesta-quinta-feira/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO CEARÁ. **Caso Dandara: julgamento de mais um acusado será na próxima terça-feira.** Disponível em: <<https://www.tjce.jus.br/noticias/caso-dandara-julgamento-de-mais-um-acusado-sera-na-proxima-terca-feira/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

TRIBUNA ONLINE. **Travesti é encontrada morta em Colatina.** Disponível em: <<http://www.reporteronlinelitoral.com.br/press/2017/06/16/travesti-e-assassinada-e-corpo-e-encontrado-proximo-buraco-da-onca-no-pouso-alto/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

TV JORNAL. **Homem é encontrado morto dentro de casa nos Torrões.** Disponível em: <[https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2018/01/17/cabeleireiro-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-nos-torroes-38130.php?utm\\_medium=social&utm\\_source=whatsapp&utm\\_campaign=social](https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2018/01/17/cabeleireiro-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-nos-torroes-38130.php?utm_medium=social&utm_source=whatsapp&utm_campaign=social)>. Acesso em: 18 out. 2018.

UOL. **Matheusa estava fora de si e foi “julgada” antes de ser morta por traficantes.** Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/05/matheusa-estava-fora-de-si-e-foi-julgada-antes-de-ser-assassinada-por-trafficantes-diz-delegada>>. Acesso em: 14 out. 2018.

V9. **Polícia encontra corpo de transexual com sinais de violência enrolado em tapete no Chácaras Tubalina.** Disponível em: <<http://v9vitoriosa.com.br/policia/policia-encontra-corpo-com-sinais-de-violencia-enrolado-em-tapete-no-chacar-as-tubalina/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

XUÁ DO AGRESTE. **Homossexual é morto com 23 facadas em Nova Cruz, na madrugada desta quarta-feira (4).** Disponível em:



<<http://www.xuadoagreste.com.br/2017/01/homossexual-e-morto-com-23-facadas-em.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.

YOUTUBE. **Homem confessa assassinato de travesti depois de rejeitá-lo.** Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=M9i\\_axMP\\_rM](https://www.youtube.com/watch?v=M9i_axMP_rM)>. Acesso em: 20 out. 2018.

YOUTUBE. **Polícia investiga morte misteriosa de travesti.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fiVXuQp0SC0>>. Acesso em: 20 out. 2018.